

UNIVERSIDADE FEEVALE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS

CRISTIANE TAÍS BAUER

NOVA SEDE PARA O CTG PASSO DOS TROPEIROS – ROLANTE/RS

Novo Hamburgo

2015

CRISTIANE TAÍS BAUER

NOVA SEDE PARA O CTG PASSO DOS TROPEIROS

Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Feevale.

Professores: Prof^a Me. Alessandra Amaral Brito, Prof^a Me. Geisa Bugs
e Prof^o Me. Carlo Henrique Goldman

Orientadora: Prof^a Dr. Lisiane Pedroso Lima

Novo Hamburgo

2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a meus pais, Luciane Maria Bauer e Adriano Alvício Bauer, por proporcionarem esta graduação. Vocês são os responsáveis por este momento.

A minha irmã, Juliane Daiana Bauer, por todo o apoio, companheirismo e auxílio em corrigir meu trabalho, por me aguentar nesse período.

A minha tia Margareth Augusta Bauer (In memoriam) e ao meu tio Marlon Eduardo Bauer, por serem exemplos e espelhos nessa profissão, por terem “mostrado” a Arquitetura.

A minha avó Renilda Bohlke e ao meu avô Henrique Bohlke (In memoriam) por toda ajuda, apoio e carinho, ao meu avô por sempre querer passar seu conhecimento.

Aos meus amigos e amigas, principalmente a Rafaela Bonalume e Fernanda Adams, pela amizade, carinho e companheirismo, principalmente por compreenderem os meus “nãos”.

Agradeço aos amigos e colegas de faculdade por toda parceria e amizade, e aos professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Feevale, que passaram todo seu conhecimento aos alunos. Em especial minha orientadora Dra. Lisiane Pedrosa Lima e a professora Alessandra Migliori do Amaral Brito pela orientação no desenvolvimento desta pesquisa.

A minha segunda família, Os Tropeadores, a Invernada Adulta do CTG Passo dos Tropeiros, pelo apoio, opiniões e por terem respondido ao meu questionário.

A todos os meus colegas de trabalho que tive até o momento, mas principalmente os colegas da Bauer Arquitetura + Engenharia, por me ajudarem nas minhas dúvidas e por terem me aguentado nessa fase.

Agradeço à Deus, por ter me dado essa oportunidade.

Todas essas pessoas e muitas outras aqui não citadas foram fundamentais para hoje eu estar finalizando mais uma etapa da minha vida.

“Gaúcho de verdade não abandona sua terra
Leva no peito a saudade, que toda tarde, traz dela
Erva, cuia e chimarrão.”
(Autor desconhecido)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Grupo dos 8 cavalarianos	15
Figura 2- Dança do pezinho	18
Figura 3- Dança de roda	19
Figura 4- Sede do MTG	22
Figura 5- Mapa Regiões	23
Figura 6- Prova de laço	25
Figura 7- Vaca Parada	25
Figura 8- Redeas.....	26
Figura 9- Gineteada	26
Figura 10- Pau de Fitas	27
Figura 11- Mapa do CTG	28
Figura 12- Perspectiva do CTG	29
Figura 13- Evento realizado.....	29
Figura 14- Pátio lateral	32
Figura 15- Planta esquemática	33
Figura 16- Entrada do CTG	33
Figura 17- Banners	33
Figura 18- Museu	34
Figura 19- Entrada e Saída	34
Figura 20- Palco.....	35
Figura 21- Tablado	35
Figura 22- Mesas	36
Figura 23- Banheiros	36
Figura 24- Copa	36
Figura 25- Galerias	37
Figura 26- Cozinha	37

Figura 27- Churrasqueira	37
Figura 28- Lareira e Parede	38
Figura 29- Cenário	38
Figura 30- Cenário banheiros	38
Figura 31- Vestiário Feminino	39
Figura 32- Vestiário Masculino	39
Figura 33- O que faria frequentar mais o local?.....	40
Figura 34- Coisas que não gosta no CTG?.....	41
Figura 35- Local atual do CTG	41
Figura 36- Melhorias	42
Figura 37- Localização de Rolante no Rio Grande do Sul.....	43
Figura 38- Principais vias de acesso.....	43
Figura 39- Mapa do lote	44
Figura 40- O lote	44
Figura 41- Vista 1	45
Figura 42- Vista 2	45
Figura 43- Vista 3	46
Figura 43- Vista 4	46
Figura 45- Lote e topografia	46
Figura 46- Sistema viário	47
Figura 47- Rótula	47
Figura 48- RS 239	47
Figura 49- Predominância vento	48
Figura 50- Vegetação	48
Figura 51- Implantação geral	50
Figura 52- Pavilhão multifuncional	50
Figura 53- Planta baixa pavilhão multifuncional	51

Figura 54- Planta baixa salão de baile	52
Figura 55- Salão de baile	52
Figura 56- Cabanas	53
Figura 57- Planta baixa e cortes	54
Figura 58- Cancha campeira	54
Figura 59- Localização complexo	55
Figura 60- Implantação técnica	55
Figura 61- Complexo	56
Figura 62- Vista superior	56
Figura 63- Planta baixa	57
Figura 64- Planta baixa 2º pavimento	57
Figura 65- Estrutura telhado.....	58
Figura 66- Fachada	58
Figura 67- Volumetria	59
Figura 68- Pátio central	60
Figura 69- Meio volumetria	60
Figura 70- Centro cultural	61
Figura 71- Salas subterrâneas	61
Figura 72- Pilares	62
Figura 73- Academia	63
Figura 74- Circulação vertical	63
Figura 75- Volumetria	64
Figura 76- Pátio central	64
Figura 77- Espaço social	65
Figura 78- Sala semi-circular	65
Figura 79- Pilares	66
Figura 80- Módulo de referência	71

Figura 81- Manobra de descolamento	71
Figura 82- Medidas mínimas de sanitário acessível.....	72
Figura 83- Dimensionamento de rampas.....	72
Figura 84- Classificação quanto sua ocupação.....	73
Figura 85- Classificação população	73
Figura 86- Classificação da edificação quanto a altura.....	74
Figura 87- Classificação da edificação quanto a área.....	74
Figura 88- Nível de critério de avaliação NCA para ambientes externos, Db(A)....	75
Figura 89- Classificação das edificações e áreas de risco quando à ocupação.....	75
Figura 90- Classificação das edificações quanto à altura.....	76
Figura 91- Edificações das divisões F-11 com área superior a 750m ²	76
Figura 92- Fluxograma Inicial.....	77
Figura 93- Fluxograma	78
Figura 94- Exemplo de cobertura de aço.....	79
Figura 95- Ginásio Esportivo.....	79
Figura 96- Montagem parede corta fogo.....	80
Figura 97- Dados das placas.....	80

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	TEMA	13
2.1	CULTURA GAÚCHA	13
2.1.1	Semana Farroupilha	14
2.1.2	Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG)	15
2.1.3	Indumentária Gaúcha	16
2.1.4	Danças	18
2.1.5	Chimarrão e Churrasco	20
2.2	MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO	21
2.2.1	Sobre o MTG	21
2.2.2	Regiões	22
2.3	ESTRUTURA DO CTG	23
2.3.1	Estrutura	24
2.3.2	Principais atividades	24
2.4	CTG PASSO DOS TROPEIROS	27
2.4.1	História do CTG	28
3	JUSTIFICATIVA DO TEMA	30
4	MÉTODO DA PESQUISA	32
4.1	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	32
4.2	ESTUDO DE CASO – CTG PASSO DOS TROPEIROS	32
4.2.1	Questionário	39
5	ÁREA DE INTERVENÇÃO	43
5.1	MUNICÍPIO DE ROLANTE	43

5.2	ÁREA DE INTERVENÇÃO	44
6	PROJETOS REFERENCIAIS	49
6.1	PROJETOS REFERENCIAIS ANÁLOGOS	49
6.1.1	Parque do Gaúcho	49
6.1.2	Galpão Crioulo Sport Clube Internacional	55
6.2	PROJETOS REFERENCIAIS FORMAIS	58
6.2.1	Centro Cultural de Paraty	59
6.2.2	Centro de Tradições Lo Barmechea	60
6.2.3	Academia Pulse Health e Fitness	62
6.2.4	Escola de administração de Yale	64
7	PROPOSTA DE PROJETO	67
7.1	OBJETIVO DA PROPOSTA	67
7.2	PÚBLICO ALVO	67
7.3	PROGRAMA DE NECESSIDADES	68
8	NORMAS TÉCNICAS	71
8.1	NBR 9050/2015 – ACESSIBILIDADE A EDIFICAÇÕES, MOBILIÁRIO, ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS URBANOS	71
8.2	NBR 9077/2001 – SAÍDAS DE EMERGÊNCIA EM EDIFÍCIOS	72
8.3	NBR 10151/2000 – ACÚSTICA – AVALIAÇÃO DO RUÍDO EM ÁREAS HABITADAS, VISANDO O CONFORTO DA COMUNIDADE – PROCEDIMENTO	74
8.4	NBR 5626/1998 – DIMENSIONAMENTO DOS RESERVATÓRIOS	75
8.5	PPCI – PLANO DE PREVENÇÃO E PROTEÇÃO CONTRA INCÊNDIO	75
9	MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS	77
9.1	INTENÇÕES DE PROJETO	77
9.2	ESTRUTURA EM AÇO	78

9.3 PAREDE CORTA FOGO	79
10 CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIA	82
APÊNDICES	87

1. INTRODUÇÃO

Esta Pesquisa tem como objetivo fundamentar o projeto que será realizado na disciplina do Trabalho Final do Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Feevale. O tema é o projeto para uma nova sede do Centro de Tradições Gaúchas Passo dos Tropeiros, na cidade de Rolante, localizada no estado do Rio Grande do Sul.

Esta pesquisa afirma a importância da cultura gaúcha no Estado, retrata o povo gaúcho que valoriza os seus costumes e sua cultura, conta a história desde o início, a retomada dessa cultura que havia sido esquecida no tempo da ditadura. Mostra a união de jovens gaúchos curiosos e corajosos, que compartilhavam o mesmo gosto pela tradição, foram em busca de pesquisas e pessoas que pudessem ajudar a reescrever e trazer de volta a cultura gaúcha.

Nos capítulos seguintes serão abordados o tema do projeto e sua justificativa, como as informações mais importantes sobre os gaúchos, com fatos que marcaram a história. Será relatado também como ocorreu o surgimento do CTG de Rolante, a definição de um programa de necessidades e o pré-dimensionamento, as referências formais e análogas, a área de intervenção proposta, normas a seguir para um projeto acessível e materiais que irão ser usados, assim foram reunidas todas as informações para o embasamento do futuro projeto arquitetônico.

2. TEMA

O estado do Rio Grande do Sul é conhecido por ter uma cultura muito forte, a qual é bem representada em seus Centros de Tradições Gaúchas (CTG), o qual é o tema dessa pesquisa. São hábitos que se tornaram marcos, seja com a dança, a vestimenta ou com o churrasco e o chimarrão.

O gaúcho é o brasileiro Rio-Grandense, que estuda sua história, sua raça, cultiva seu chimarrão, sua pilcha e suas raízes. Ele é um ser único que tem orgulho de ser chamado assim, tem orgulho de cantar seu hino (CORTES, 1994).

Pela força cultural que o CTG caracteriza, serão apresentados símbolos gaúchos que ajudam a contextualizar e a justificar o cenário em que ele está inserido. Além disso, essa descrição é importante para auxiliar a fundamentar o lançamento conceitual da proposta de projeto (CORTES, 1994).

2.1 CULTURA GAÚCHA

No sul do Brasil localiza-se o estado do Rio Grande do Sul, que faz fronteira com o Uruguai e a Argentina, cujos costumes influenciaram o estado. Por exemplo, as danças rio-grandenses têm movimentos retirados das danças da fronteira. Além disso, a formação étnica do Estado teve influência de muitos outros grupos, tais como os colonizadores alemães e italianos. Ocorreu a miscigenação dessas raças, as quais tinham uma origem pouco conhecida, e deu início aos costumes próprios do povo gaúcho (ZATTERA, 1995).

Somente no século XIX surgiu o primeiro movimento tradicionalista uruguaio, que guiou os jovens cultivadores da Região Sul a fundar os Centros de Tradições Gaúchas (CTG). Através destes, a população pôde ter mais acesso aos costumes gaúchos, aprender as danças, as músicas, as poesias, os hábitos do chimarrão, o funcionamento dos rodeios e da indumentária gaúcha (ZATTERA, 1995).

No século XX, após a ditadura, ocorreram novas mudanças comportamentais no Rio Grande do Sul, quando surgiu a vontade de mostrar o seu valor, sua música, seus hábitos e suas habilidades. O Rio Grande do Sul passou a demonstrar referências que remetem aos costumes do seu povo: encontros musicais, bailes, refeições com o típico churrasco, rodas de chimarrão, desfile Farroupilha, semana farroupilha, e também podem ser citados os rodeios artísticos, com declamação de

poesias, danças artísticas, entre outros (ZATTERA, 1995). Todos estes exemplos serão tratados na sequência.

2.1.1 Semana Farroupilha

O Brasil estava vivendo o final do período da ditadura, marcado pela escassez cultural no Rio Grande do Sul. Sua bandeira e seu hino foram queimados simbolicamente no Rio de Janeiro, sufocando e restringindo o povo gaúcho a lutar por sua cultura (MTG (c), 2015).

No currículo escolar, havia sido banido qualquer feito ou fato da História Gaúcha, como nas bibliotecas e livrarias, onde tinham pouquíssimos livros sobre a literatura gaúcha. No fim da década de 40, o povo ignorava a sua tradição e seu passado nativo, em que jovens não conheciam os símbolos oficiais, como a bandeira, o brasão e o hino da terra gaúcha (CORTES, 1994).

Paixão Cortes, grande historiador e pesquisador da cultura gaúcha, natural da cidade de Santana do Livramento, mudou-se para a capital para estudar no Colégio Júlio de Castilhos. Visto que sempre se trajava com roupas gaúchas, Cortes era motivo de chacota por outros, embora para si esses trajes fossem motivo de orgulho. Pela convivência com seus colegas, muitos do interior, teve acesso ao costume de tomar mate, e essa prática estimulou as rodas de mate a acontecerem novamente (FISCHER, WOLF, 2004).

Através do grêmio estudantil do Colégio Júlio de Castilhos, Paixão Cortes começou a manifestar suas ideias tradicionalistas. Certo dia, Paixão teve a ideia de pegar uma chama da pira¹ da pátria e levar para o Júlio de Castilhos, fazendo uma continuidade da chama da pátria, essa que permaneceria em um candeeiro até o dia 20 de setembro (FISCHER, WOLF, 2004).

Esse trajeto, ele pensou em fazer utilizando três cavalos, sendo que um cavalariano levaria a bandeira do Rio Grande Sul, outro a bandeira do Colégio Júlio de Castilhos e outro a bandeira do Brasil. Nessa ideia, surgiu também a oportunidade dos cavalarianos escoltarem os restos do General David Canabarro até o Pantheon do Rio Grande num movimento cívico, já que ele foi militar brasileiro,

¹ Pira: Uma construção com 6 metros de altura, na sua parte superior tinha uma taça metálica, com 1 metro de diâmetro. Era o fogo da pátria.

participante da guerra da cisplatina e da Revolução Farroupilha (FISCHER, WOLF, 2004).

No dia 8 de setembro de 1947, Paixão Cortes liderou um grupo de oito cavalarianos (Figura 1) trajados com vestimenta gaúcha que escoltavam os restos do General David Canabarro, pelas ruas de Porto Alegre (FISCHER, WOLF, 2004). A população que estava ali, já que na época não era mais costume usar trajes tradicionais, aplaudiu, dando ocorrência à primeira manifestação em defesa das tradições gaúchas. Após este acontecimento, realizou-se a 1ª Ronda Crioula no Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, com a programação do acendimento de um Candeeiro Crioulo, do primeiro baile gauchesco, palestras, da escolha da 1ª prenda, da escolha dos gaúchos com melhor pilcha, entre outros (AMIGOS DA TRADIÇÃO, 2004).

Figura 1 – Grupo de oito cavalarianos



Fonte: MTG(c)

A 1ª Ronda Crioula foi declarada, alguns anos mais tarde, como a Semana Farroupilha, que tradicionalmente ocorre entre os dias 14 e 20 de setembro de cada ano. Tem como símbolo o acendimento e a extinção da chama crioula (Coletânea da Legislação tradicionalista, 2003).

2.1.2 Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG)

Pesquisas históricas afirmam que não existe um momento na história gaúcha que determine o surgimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), mas há quatro principais tentativas do associativismo nativista e foi uma delas que iniciou o movimento. Pode ter sido pela fundação do Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, no ano de 1898 ou pela fundação do Clube Farroupilha de Ijuí, no ano 1943. Outros já dizem que foi consequência da 1ª Ronda Crioula no Colégio Júlio de Castilhos em

Porto Alegre, e ainda há quem diga, que a fundação do MTG ocorreu junto com a fundação do 35 Centro de Tradições Gaúchas, sendo este o exemplo para as demais entidades tradicionalistas (Coletânea da Legislação tradicionalista, 2003).

O MTG tem por regra preservar a formação gaúcha e suas ideologias, baseados nos estudos da história, da tradição e do folclore, além da Carta de Princípios, onde estão os principais objetivos do tradicionalismo gaúcho desde o ano de 1961 (MTG (e), 2015). Atualmente, o MTG tem mais de mil centros e piquetes de tradições gaúchas somente no Rio Grande do Sul, além de outros nos estados de Santa Catarina e São Paulo, e alguns CTGs fora do Brasil. Um detalhamento desse tópico será feito no item 2.2.

2.1.3 Indumentária Gaúcha

A vestimenta no Rio Grande do Sul foi baseada no tipo de vida e nas necessidades do povo. Os tropeiros que percorriam o Estado em direção a São Paulo levar o gado, precisavam se aquecer do frio e ter roupa adequada para cavalgar (ZATTERA, 1995).

A Indumentária Gaúcha teve influência de quatro épocas diferentes. A Tabela 1 apresenta as principais características de trajes masculinos e femininos de cada fase, assim como algumas ilustrações dessas indumentárias (ZATTERA, 1995).

Tabela 1: Indumentária Gaúcha

FASE	1ª FASE 1730 A 1820		2ª FASE 1820 A 1865		3ª FASE 1865 A 1950		4ª FASE 1950 AOS DIAS DE HOJE
MASCULINO	Patrão das Vacarias: Usa meias, ceroulas, calções abaixo do joelho, botas fortes ou garrão, esporas de prata, gibão de veludo, colete de seda, camisa, lenço, cinturão,	Peão das Vacarias: pés desclaços ou botas de garrão de potro, esporas, ceroulas, chiripá, cinturão, boleadeiras, camisas, colete, pala e chapéu	Peão: Usava ceroula, chiripá em forma de "fralda", faixa na cintura, cinturão, camisa branca, colete, lenço no pescoço, botas fortes ou garrão.	Charqueador: Botas russilhonas, calças por dentro das botas, faixa na cintura, camisa de algodão, gravata, colete, chapéu de copa alta	Empresario: camisa branca, calça, colete e paletó. A gravata pode ser de nó ou borboleta. Utiliza chapéu, sapatos e relógio no bolso.	Homem Rural: bombachas, botas fortes, camisa, colete, lenço branco, cinturão, chapéu e pala, esporas de prata e chicote	Peão utiliza botas fortes ou alpargatas, chapéu ou boina, camisa listra ou xadrez, jaqueta de brim ou lã, guaiaca, poncho e esporas de prata
FEMININO	Patroa das Vacarias: botinha de salto, anáguas, corpete, vestido de veludo, leque, lenço, joias, xale ou capa. Cabelos compridos preso com fita.	China das Vacarias: saia rodada, blusa de algodão, raramente usava calçados. Cabelos longos com tranças.	Prenda: Saia longa rodada com babado, blusa de mangas ou casaco. No cabelo usava flores	Estancieira: Vestido longo de seda ou veludo, cabelos presos ou com flores, utilizava uma mantilha.	Mulher: o vestido era de seda. Leque, sombrinha, broche e brincos. Os cabelos podem ser presos. No pé utiliza botinhas ou sapatos	Mulher rural: saia e blusa, ou vestido, sombrinha ou leque, brincos, corrente de ouro ou o broche. Os sapatos podem ser botinhas ou sapatos	Prenda: o vestido com saia rodada e muitos babados. Meias brancas, bombachinhas por baixo do vestido, sapatos pretos. Os cabelos podem ser presos ou soltos
IMAGENS							

Fonte: ZATTERA, 1995, Adaptado pela Autora, 2015

2.1.4 Danças

A dança, uma das principais atividades do CTG, existe desde os povos da antiguidade. Era conhecida como um ritual mágico, principalmente para os povos que habitavam o Rio Grande do Sul. Durante a idade média, começou o carnaval de rua e as danças coreográficas (LESSA, 1975).

Segundo Barbosa Lessa (1975), a dança coreográfica seguiu por dois caminhos. No primeiro tipo, a mulher não participava, somente o homem era o dançarino que atuava como um personagem que se apresentava diante do público. O segundo tipo se caracterizava por danças lúdicas, que tinham como objetivo entreter o público, nessa dança a mulher podia mostrar sua graça e feminilidade, embora não fosse permitida pela igreja, e por isso, se restringia a lugares fechados.

As danças de salão começaram a surgir após alguns acontecimentos históricos, como a proclamação a República de Piratini, povoamento da serra, entre outros. As danças dos tropeiros eram as masculinas, como o fandango e a chula. A chimarrita, a tirana e o pezinho (Figura 2), foram trazidas da cultura dos açorianos, enquanto o anu e o balaio vieram de danças brasileiras.

Figura 2: Dança do Pezinho



Fonte: Renato Silva, 2015

Após a dança de salão, vieram as danças de origem francesas, em que os homens ficavam de frente para as mulheres, os cumprimentos e gestos eram contidos e somente os nobres dançavam. Essas danças eram conhecidas por serem danças dos minuetos (LESSA, 1975).

Em 1789 a monarquia francesa caiu e o minueto também. Após o minueto surgiram as danças das contradanças, de origem inglesa. Esta dança era viva e descontraída, podendo ser realizada em fila ou em círculo, sob o comando de um mestre, formando figuras ou desenhos pelo salão (LESSA, 1975).

A dança de pares independentes surgiu em Paris, no ano de 1811. A valsa era a dança que não havia comando, os pares enlaçavam, executando passos de valsa ou girando em torno de si (LESSA, 1975).

Porém, no Rio Grande do Sul essas danças haviam se perdido com o tempo. No ano de 1948, após a fundação do CTG 35, e já com invernadas de danças criadas, Barbosa Lessa e Paixão Cortes foram convidados para irem a Montevideu apresentar poesias e a cultura do Sul. Com essa divulgação, esses homens perceberam que o povo gaúcho não tinha nenhuma dança típica gaúcha.

Em busca dessa identidade na dança, após algumas pesquisas, foi encontrado um Anuário com algumas danças, como a música do tatu, que era uma dança de sapateio, e a dança da tirana. Em outro livro, foram encontradas novas músicas, tais como música do caranguejo, uma dança de roda (Figura 3), e música da chimarrita, uma dança de fila, porém, sem descrição coreográfica de nenhuma delas (LESSA, 1975).

Figura 3: Dança de Roda



Fonte: Juliane Bauer, 2015

Com mais algumas pesquisas, foi encontrado um dançarino com 64 anos de idade, que havia participado do Grêmio Gaúcho. Este dançarino divulgou o que seria a tirana do lenço e alguns passos da dança do tatu.

Os jovens Barbosa Lessa e Paixão Cortes, junto com outros amigos, sentiam a vontade de aprender mais músicas, embora faltasse tempo e dinheiro para viajarem ao interior e descobrirem mais danças conhecidas por pessoas mais

velhas. No ano de 1950, a convite de um fazendeiro para participar de uma festa da igreja que seria realizada em sua fazenda durante um final de semana, eles descobriram a dança do pezinho em um pequeno baile com danças (LESSA, 1975).

A internada artística no CTG 35 teve sua primeira apresentação artística na 3ª Semana Nacional do folclore em Porto Alegre, no dia 22 de agosto de 1950, após algumas dificuldades com a música e com a indumentária, do peão e da prenda. Foi à primeira apresentação de danças tradicionais e o auditório aplaudiu e se entusiasmou muito, segundo Barbosa Lessa, naquela noite, pôde-se perceber como era grande a força de comunicação das danças gauchescas (LESSA, 1975).

Animados com o sucesso da primeira apresentação, Barbosa Lessa e Paixão Cortes economizaram dinheiro e nos finais de semana programaram viagens para outras localidades. Entre elas estavam as Missões, Vacarias e Torres, além de irem algumas vezes ao Uruguai, Corrientes, Paraguai, Bolívia, Santa Catarina e a São Paulo (LESSA, 1975).

Depois de anos de pesquisa, descobriram mais algumas danças e obtiveram mais informações sobre as danças que já tinham conhecimento (LESSA, 1975). Tanto que no ano de 1953 apresentaram no CTG 35 alguns discos com 16 músicas das danças tradicionalistas.

“De onde as danças gaúchas surgiram é problema secundário. O que interessa é sabermos que elas realmente animaram as festas do Rio Grande tradicional.[...] Estas danças são gaúchas não porque tivessem se originando inteiramente no ambiente campeiro, mas porque o gaúcho, recebendo-as de onde quer que fosse, lhes deu música, detalhes, colorido e alma nativa”(LESSA, 1975, p131).

Como produto dessas pesquisas foi escrito um manual com as danças gaúchas, ilustradas por desenhos, partituras e passos coreográficos, explicando como executar cada movimento. Neste manual foram descritas 22 músicas, embora nos dias de hoje já se tenha conhecimento de mais algumas delas (LESSA, 1975).

2.1.5 Chimarrão e Churrasco

O chimarrão e o churrasco são considerados bebida e comida típicas da região. Por serem importantes para o estado, no dia 24 de abril, é comemorado o “Dia do Churrasco e do Chimarrão” (Coletânea da Legislação tradicionalista, 2003).

O chimarrão é um hábito herdado dos Índios Guaranis. O homem branco descobriu o chimarrão quando observou o índio guarani tomando a bebida do mate em um porongo, com uma bomba primitiva feita de taquara (MTG(a), 2015).

O chimarrão antigamente fazia parte dos namoros, pois não eram permitidas intimidades. Assim os apaixonados durante o chimarrão podiam ter um contato de mãos, algumas troca de olhares por exemplo (BERKAI, BRAGA, 2000).

A água do chimarrão originalmente era servida na pichorra (feita com uma lata e alça de arame). Depois passou a ser servida na cambona, em bules, e nos dias de hoje é utilizada a chaleira ou o “rabo-quente” (BERKAI, BRAGA, 2000).

O Chimarrão ficou caracterizado por ser uma forma mais hospitaleira de receber as pessoas, faz parte da socialização do povo gaúcho fazer uma roda de chimarrão em que a cuia anda de mão em mão. No Rio Grande do Sul é trivial ver um gaúcho com a cuia na mão e uma térmica embaixo do braço, sempre oferecendo aos seus amigos (MTG(a), 2015).

A atividade inicial do gaúcho foi a criação do gado. Assim ele comia o que mais estava ao seu alcance, que era a carne, e conservando ela por mais tempo, transformava ela em charque (PORTAL AMIGOS DA TRADIÇÃO, 2015).

Na região sul, o churrasco é uma forma de socializar. Normalmente quando se tem um grande grupo de pessoas o prato mais escolhido, é o churrasco, não importando o jeito dele, se é o assado no barro, o campeiro ou o feito na churrasqueira (PORTAL AMIGOS DA TRADIÇÃO, 2015).

2.2 MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO

O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), trata-se de um movimento cultural gaúcho que tem um desempenho cultural, cívico, literário, artístico, folclórico e associativo, com duração indeterminada, sem fins lucrativos e sem número limitado de sócios. O quadro social do MTG é composto por pessoas jurídicas, podendo ter como filiados os Centros de Tradições Gaúchas (CTG) e entidades sediadas em qualquer estado brasileiro (MTG (i), 2015).

2.2.1 – Sobre o MTG

O MTG foi organizado como associação de entidade tradicionalista no dia 28 de outubro de 1966, no 12º Congresso Tradicionalista Gaúcho. Manoelito de Ornellas, Luiz Carlos Barbosa Lessa, João Carlos Paixão Cortes, Glaucus Saraiva,

entre outros, foram pessoas importantes para que isso acontecesse e que mantiveram a tradição, seja nas atividades diárias, em congressos, em convenções, nos debates de história, na música, em cavalgadas, nos valores e em princípios (MTG (d), 2015).

Segundo o site do MTG (2015), este passou a agregar muitas entidades do estado, orientando e disciplinando as entidades com base na Carta de Princípios do Tradicionalismo Gaúcho. Ele é responsável pela coordenação das atividades tradicionalista do estado, faz com que as pessoas respeitem as regras, sem impedir sua opinião e sua liberdade (Coletânea da Legislação Tradicionalista, 2015).

A sede do MTG (Figura 4) fica na cidade de Porto Alegre, na Rua Guilherme Schell, nº60. Ela foi doada pelo governo do estado e está nesse mesmo local desde o ano de 1998 (MTG (e), 2015)

Figura 4: Sede MTG



Fonte: Google Earth, 2015

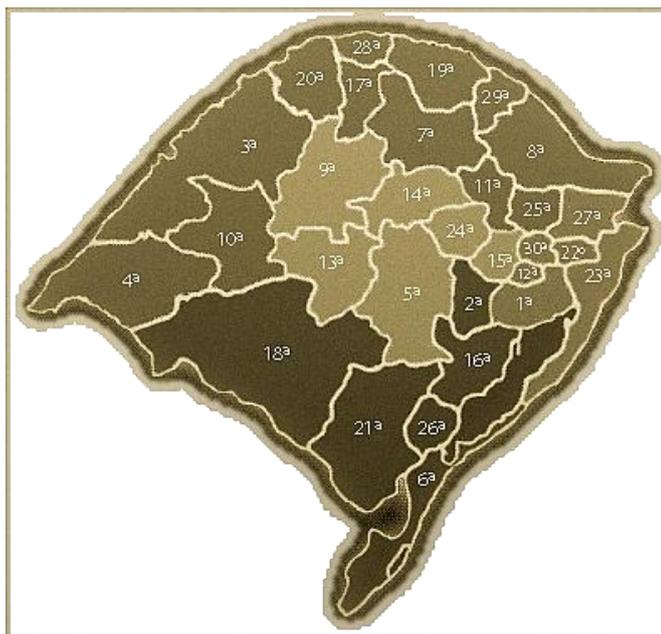
2.2.2 - Regiões

Os CTGs do Rio Grande do Sul que são filiados ao MTG foram divididos em 30 Regiões Tradicionalistas, conforme sua afinidade geográfica. Cada região é liderada por um coordenador e uma equipe, tendo as áreas administrativas, cultura, campeira e artística. Possui uma assembleia geral, que é a reunião dos patrões de cada Centro, em que são tomadas as decisões mais importantes (Coletânea da Legislação tradicionalista, 2003).

Para os CTGs fora do Rio Grande do Sul, foi determinado que fosse a 40ª Região tradicionalista, é uma administração única. Só podem se filiar ao MTG, as entidades que estiverem em território brasileiro (Coletânea da Legislação tradicionalista, 2003).

Se uma cidade já tenha uma entidade filiada em determinada região, a nova que será fundada, tem que pertencer à mesma da já existente, mas sem limites para o número de entidades em uma região. Caso uma entidade queira trocar de região basta o, consenso entre as duas partes, entidade e região; e a aprovação no encontro da sua antiga e da nova região (Coletânea da Legislação Tradicionalista, 2015). Um mapa (Figura 5) em que mostra as 30 regiões do estado.

Figura 5: Mapa Regiões



Fonte: MTG

Algumas das regiões e as cidades que fazem parte, como a 1ª RT² são Cachoeirinha, Gravataí, Porto Alegre, Viamão, entre outras. Da 3ª RT algumas cidades são Santa Rosa, Santo Angelo, São Miguel das Missões entre outras. A 12ª RT é Canoas, Esteio, São Leopoldo, Nova Santa Rita e Sapucaia. A 22ª RT é Igrejinha, Parobé, Riozinho, Rolante, Taquara e Três Coroas (Coletânea da Legislação tradicionalista, 2003).

2.3 ESTRUTURA DO CTG

Para uma entidade ser tradicionalista ela precisa ter as características conforme o Regulamento Geral do MTG, escrito por Dionísio Araújo do Nascimento e José Edson Gobbi Otto. Isso inclui possuir estatuto próprio e sede própria ou permanente para desenvolver as atividades tradicionalistas (MTG (i), 2015).

² RT: Região Tradicionalista

2.3.1 Estrutura

A estrutura administrativa do CTG é dividida em diretoria, conselho e departamentos. A diretoria é a Patronagem do CTG, composta pelo Patrão (presidente), Capataz (vice-presidente), Sota Capataz (secretário), Agregado das Pilchas (Tesoureiro), Agregado das Falas (Orador). Os diretores das Invernadas são chamados de Posteiros, os conselheiros chamam-se Vaqueanos, os sócios do sexo masculino são os Peões e do feminino as Prendas (PORTAL AMIGOS DA TRADIÇÃO, 2015).

As invernadas artísticas são divididas em categorias, entre elas Infantil (até 9 anos), Mirim (até 13 anos), Juvenil (até 17 anos), Adulta (mínimo 15 anos), Veterano (mínimo 30 anos) e Veterana (mínimo 40 anos) (MTG (f), 2015). As danças são ensinadas por instrutores qualificados, cada dia é reservado para uma invernada ensaiar.

A Patronagem é responsável pelo CTG através do seu mandato de dois anos. A troca é feita com uma eleição de todos os sócios da entidade (PORTAL AMIGOS DA TRADIÇÃO, 2015).

A entidade se mantém financeiramente através de um convênio com a prefeitura. Além disso, a entidade realiza eventos, como jantas e bailes, cobra mensalidade dos sócios, e patrocínios são oferecidos por empresas da cidade.

As invernadas para participar de concursos artísticos precisam arrecadar dinheiro para pagamento de vestimenta, cenário, instrutor, musical, coreografias e transporte. Para isso, ocorrem rifas, almoços, venda de meio-frango, lanches, pizzas, brechós e mais eventos, depende do que as invernadas criarem (AMIGOS DA TRADIÇÃO, 2015).

2.3.2 Principais atividades

As principais atividades dos participantes de um CTG, além das jantas e almoços, incluem também os rodeios artísticos, os rodeios campeiros e os esportes campeiros.

Os rodeios campeiros, segundo o Regulamento Campeiro do Estado do Rio Grande do Sul (MTG (g), 2015), têm por finalidade divulgar os hábitos, os costumes e as tradições campeiras. As provas campeiras são divididas em modalidades, categorias e idades:

a) As provas de laço (Figura 6) de modalidade individual são compostas por: o laço senhor (entre 50-59 anos), o laço veterano (entre 60-69 anos), o laço vaqueano (70 anos ou mais), o laço patrão, laço capataz, coordenador RT, Dir Campeiro (18 anos ou mais) e o braço de ouro (indeterminado). Já a modalidade individual ou equipe pode ser pai e filho, irmãos, avô e neto, geração avô, filho e neto (indeterminado), piá/menina (até 11 anos), guri/guria (12 a 14 anos), rapaz/prenda (15 a 17 anos), peão/prenda (18 a 49 anos), prenda (indeterminado).

Figura 6: Prova de Laço



Fonte: Flavio Tin

b) A vaca parada (Figura 7) tem a modalidade individual ou em equipe, as categorias são piazinho (0 a 6 anos), piazito (7 a 10 anos), bonequinha (0 a 6 anos) e prendinha (7 a 10 anos).

Figura 7: Vaca parada



Fonte: Mundo Gaúcho

c) Rédeas (Figura 8) têm a modalidade masculina, dividida em piá (até 11 anos), guri (12 a 14 anos), peão (15 a 59 anos), veterano (60 anos ou mais). A

modalidade feminina é dividida em menina (até 11 anos), guria (12 a 14 anos), prenda (15 anos ou mais).

Figura 8: Rédeas



Fonte: Haras Taquari

d) O chasque só tem a modalidade equipe com idade indeterminada. Já a gineteada (Figura 9), é individual e também com idade indeterminada.

Figura 9: Gineteada



Fonte: CTG Porteira do Rio Grande

Os esportes campeiros são divididos em sete, segundo o Regulamento de Esportes Tradicionalistas do estado do Rio Grande do Sul, do dia 27 de julho de 2014, os seus concorrentes deverão estar pilchados de acordo com as diretrizes, os esportes são: jogo de truco cego, jogo de truco de amostra, solo, tetarfe, bocha campeira e bocha “quarenta e oito” (MTG (h), 2014).

O jogo de truco cego e o truco de amostra são jogos de cartas que criam uma confraternização entre peões e prendas, e formam novas amizades. O jogo do solo também é um jogo de cartas, porém praticado somente por três jogadores.

O Tetarfe é uma modalidade que inclui os jogos de Tava, Tejo, Argola e Ferradura. É necessária uma cancha de 9 metros por 2 metros e para o jogo da Tava, especificamente, deve ter medidas de 7 a 9 metros de raia a raia. Já o jogo da Bocha Campeira precisa de uma cancha com 36 metros de comprimento por 10 metros de largura.

Segundo o Regulamento Artístico do MTG, do ano de 2015, os rodeios artísticos são divididos em várias modalidades. As modalidades individuais são separadas em feminino e masculino, e depois podem ser classificadas entre declamação, danças de salão, intérprete solista vocal, trova, chula (esta que é permitida apenas para homens), entre outros (MTG (f), 2015).

As danças tradicionais são consideradas uma modalidade em grupo, que podem desenvolver os concursos de criação coreográfica para entrada, saída e conjunto musical de danças tradicionais. Os grupos de danças devem respeitar o tempo de 20 minutos para a apresentação de 3 danças, além das danças de entrada e saída. O tempo será elevado em 5 minutos, somente se forem sorteadas as danças da Meia Canha, do Anú, da Roseira e do Pau de Fitas (Figura 10) (MTG (f), 2015).

Figura 10: Pau de Fitas



Fonte: Juliane Bauer, 2015

2.4 CTG PASSO DOS TROPEIROS

O CTG Passo dos Tropeiros está localizado no Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Rolante. O CTG fica em uma zona residencial, com alguns comércios (Figura 11), onde está marcado o CTG.

Figura 11: Mapa CTG

Fonte: Google Earth

2.4.1 História do CTG

Segundo alguns relatos dos ex-patrões do CTG, a criação do CTG Passo dos Tropeiros surgiu através de uma conversa do primeiro patrão do CTG, Sr. Valdomiro Salvador da Rosa, com o coordenador da 22ª RT, no ano de 1982. Na cidade foi difícil conseguir apoio pelo pouco conhecimento da tradição (CTG Passo dos Tropeiros 33 anos de história, 2015).

O nome do CTG surgiu através de uma pesquisa da história da cidade de Rolante. No ano de 1735, as tropas de Cristóvão Pereira passavam por Rolante, mais especificamente atravessavam o Rio Rolante, e o passo do rio ficou conhecido como Passo das Tropas (CTG Passo dos Tropeiros 33 anos de história, 2015).

No dia 26 de fevereiro de 1982 o CTG foi devidamente legalizado ao MTG, porém não existia local próprio, o local para os eventos era doado ou emprestado pela comunidade. O primeiro baile foi realizado em um salão paroquial da cidade (CTG Passo dos Tropeiros 33 anos de história, 2015).

Foi na época do Sr. Valdomiro, que foi adquirido o primeiro terreno para construir um CTG. Porém, alguns anos após a construção do prédio da entidade, ocorreu uma enchente, que causou muitos estragos para o CTG (CTG Passo dos Tropeiros 33 anos de história, 2015).

A cada quatro anos era trocada a patronagem. Alguns patrões contribuíam mais para o CTG do que outros, como por exemplo, no ano de 1994, com o apoio da patronagem, o patrão da época, conseguiu um terreno em um local que não teria enchente (CTG Passo dos Tropeiros 33 anos de história, 2015).

A patronagem seguinte passou algumas dificuldades, pois precisou arrecadar dinheiro para a construção do espaço. Gastou mais do que havia conseguido arrecadar, mas aos poucos foi aumentando o CTG (Figura 12).

Figura 12: Perspectiva do CTG



Fonte: Google Earth

Após isso, foram realizados alguns eventos regionais no CTG (Figura 13), como gincanas, ciranda cultural das prendas. As prendas que representavam o CTG, começaram a ter condições de concorrer em eventos maiores, com o apoio da entidade, as invernadas artísticas também tiveram condições para irem em concursos maiores (CTG Passo dos Tropeiros 33 anos de historia, 2015).

Figura 13: Evento Realizado



Fonte: Cleber Schaefer, 2011

Hoje em dia, o CTG tem quase todas às invernadas, iniciante, mirim, juvenil e adulta, essas invernadas tem diversos dias de ensaio, pois participam de concursos grandes. Os eventos de apresentação das invernadas juvenil e adulta, conseguem lotar a entidade, que tem capacidade para 700 pessoas, que são a comunidade em geral, família e amigos dos integrantes.

3 JUSTIFICATIVA DO TEMA

No Rio Grande do Sul, a sua cultura é muito presente, conforme apresentado no Capítulo 2. Por ser um estado muito ligado às tradições, há uma procura maior por CTGs, onde a população aprende mais sobre os costumes da sua terra: a dança, a indumentária, a história gaúcha, os pratos típicos gaúchos, entre outros traços marcantes.

Portanto, o tema CTG é bastante pertinente como proposta para essa pesquisa. Cabe também destacar, que a autora sempre participou e participa do CTG, e sabe as dificuldades que a entidade está passando com o local atual do CTG.

Além disso, existem muitos CTGs pelo estado, mas nem todos comportam o programa de necessidades completo de um CTG, pois se restringem às demandas locais. Portanto há dificuldade de encontrar um CTG que seja referência marcante na arquitetura gaúcha.

Alguns CTGs foram criados de maneira simples e rápida, e muitos não tiveram responsável técnico pela obra. Antigamente, a patronagem do CTG construía o prédio do jeito que achava melhor. Embora que, hoje em dia, alguns ainda não se enquadram nas normas de isolamento acústico e acessibilidade, não apresentam espaços no prédio para o programa de necessidades que precisa um CTG.

A maioria dos Centros Gaúchos guarda uma história do próprio CTG, até mesmo materiais antigos da cultura gaúcha, os quais poderiam ser exibidos em locais visíveis ao público, mas não há espaço para isso. Há entidades que não têm capacidade para realizar as atividades da semana farroupilha, a qual necessita de salas para as oficinas e locais de refeição para a população da cidade.

Por ver todos esses problemas acontecendo, surgiu a ideia de fazer uma nova sede para o CTG Passo dos Tropeiros de Rolante. Tem como objetivo essa nova sede comportar todas as necessidades de um Centro de Tradições Gaúchas.

O CTG de Rolante está enfrentando dificuldades por causa do seu programa de necessidades atual, por exemplo, não tem um bom isolamento acústico. Está causando incômodo na vizinhança a ponto de fazerem um abaixo assinado para fecharem o CTG, porque os ensaios de algumas internadas ocorrem no turno da noite passando das 23 horas.

Outro incômodo no CTG é a falta de estacionamento adequado. Tem pouco espaço para estacionar, tanto que em dia de bailes ou jantas, os carros ficam ao ar livre e muitas vezes na rua, atrapalhando o trânsito.

Como o CTG foi sendo construído aos poucos, a cada patronagem havia acréscimo de ambientes ao CTG, tanto que, hoje em dia, não há espaço adequado para todo o programa de necessidades. É preciso um ambiente para a biblioteca, ambiente para o museu, um depósito para o cenário, além de mais espaço para a população durante jantas, apresentações e bailes.

Por isso, é relevante criar uma sede com uma boa infraestrutura, que comporte um programa de necessidades mais completo para a cidade de Rolante. Para que no futuro consiga abrigar mais eventos de grande importância para o CTG, e conseqüentemente atrair mais pessoas para o mesmo, reforçando a identidade cultural que esse tema propõe.

4 MÉTODO DA PESQUISA

A elaboração da Pesquisa do Trabalho Final de Graduação foi feita por meio de dois métodos, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, através da leitura de livros, artigos e site da internet. E também foi utilizado o estudo de caso, nele foi feito uma análise no CTG de Rolante, uma entrevista feita com alguns participantes da entidade e alguns moradores da cidade sobre a entidade.

4.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica foi realizada com a leitura de livros, encontrados na biblioteca Municipal Rui Barbosa de Rolante, na biblioteca da Universidade Feevale e na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em artigos disponíveis na internet e em sites da internet . Após uma análise e seleção de material, foi utilizado o que seria mais importante para completar o trabalho. Esse material pesquisado, conta um pouco da história gaúcha, sua cultura, aspectos sobre o CTG, uma análise de referências análogas e formais, para assim aumentar o conhecimento formal do projeto.

4.2 ESTUDO DE CASO – CTG PASSO DOS TROPEIROS

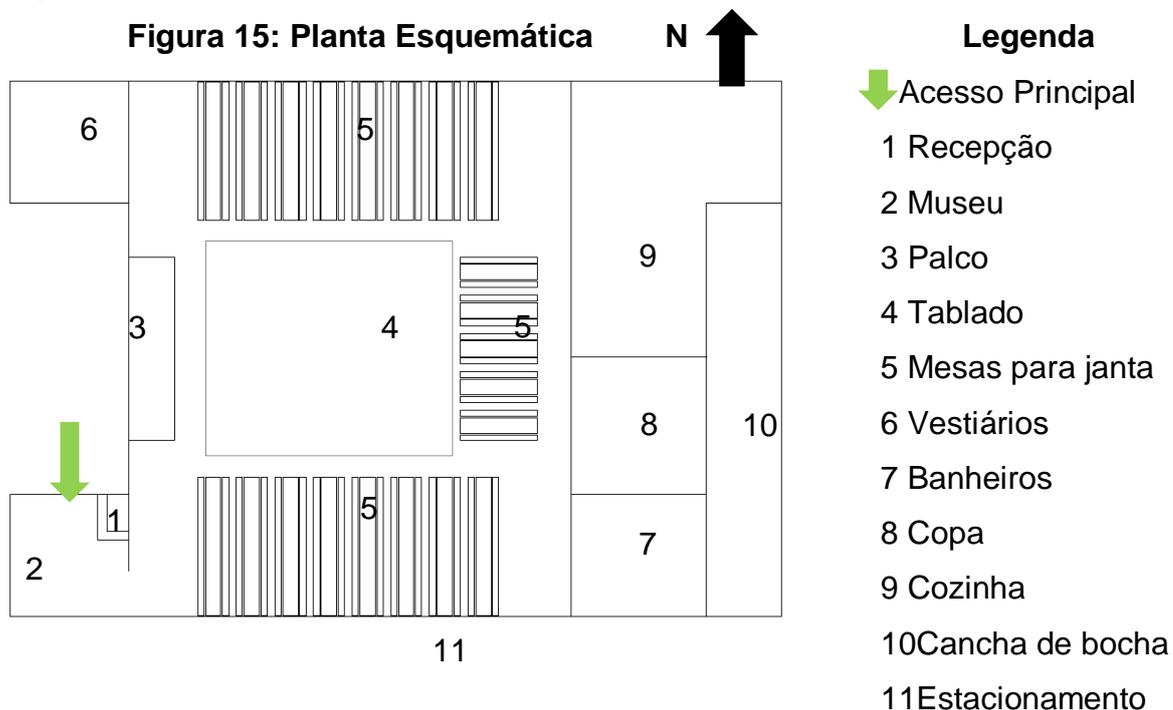
A estrutura principal do prédio do CTG é de madeira, as janelas estão envolvidas na estrutura, porque são do mesmo material e mesmo módulo das paredes. Possui dois pavimentos, sendo que o 2º é utilizado só em dias de grandes eventos. Em festas de São Pedro, há o acendimento da fogueira, que é feito no pátio ao lado do prédio da entidade (Figura 14). Os eventos, como o hasteamento da bandeira, é feito no pátio da frente do CTG.

Figura 14: Pátio Lateral



Fonte: Autora, 2015

Uma planta esquemática do CTG (Figura 15), identificando seu acesso principal e o tablado.



Fonte: Autora, 2015

Em todos os eventos do CTG, esta é a entrada principal (Figura 16), onde normalmente são vendidos e recebidos os cartões dos eventos. Nas paredes é utilizado tijolo na altura de 1,10 aproximadamente, e depois segue madeira, já o piso é em concreto. Em uma parede (Figura 17) tem dois banners, com as regras do que não pode ser feito no CTG, a maneira de se vestir e algumas danças que não podem ser dançadas no CTG.

Figura 16 :Entrada do CTG



fonte: Autora, 2015

Figura 17 : Banners



fonte: Autora, 2015

O CTG possui um museu na entrada (Figura 18) com lembranças das prendas e peões da entidade, quadros históricos e objetos importantes para a nossa cultura. Madeira e vidro são os materiais do museu, ficando visíveis os objetos para os visitantes, porém o museu é trancado, então só algumas pessoas têm acesso à parte interna dele.

Figura 18: museu



Fonte: Autora, 2015

Após passar pela entrada e o museu, tem a entrada para o salão, que possui um detalhe em forma de telhado, (Figura 19) até para chamar a atenção das pessoas para identificar ali como sendo a entrada e a saída principais do local. Já nessa entrada, é possível observar toda a entidade.

Figura 19: Entrada e Saída



Fonte: Autora, 2015

O local onde as bandas dos shows ficam (Figura 20) é todo em madeira, nele há uma placa com o logo do CTG. O acesso ao palco é feito por duas escadas que estão nas laterais, o nível deste é de 1,50m a mais que o piso e o tablado do CTG.

Foi construído assim com o objetivo de dar uma visão ampla do salão aos músicos, e também ao instrutor quando sobe ao palco, a fim de observar melhor as danças em dias de ensaio.

Figura 20: Palco



Fonte: Autora, 2015

O tablado é o local onde ocorrem as apresentações das invernadas artísticas, as danças de chula, o local para os casais dançarem no baile. Ele é feito de tabuão de madeira, (Figura 21). Para ter mais som dos sapateios, o tablado é construído de modo que o centro dele tem profundidade de 80cm, e essa diferença vai diminuindo até chegar ao nível do piso.

Figura 21: Tablado



Fonte: Autora, 2015

A população costuma participar das reuniões, eventos e assistir às apresentações. Estes sentam nos bancos, junto às mesas (Figura 22) que ficam ao redor de todo o tablado, o que proporciona uma ampla visão das apresentações e do palco com o musical.

Figura 22: Mesas



Fonte: Autora, 2015

Os banheiros ficam nos fundos do CTG, no local oposto à entrada (Figura 23). Estes são divididos em feminino e masculino, e tem um hall para demarcar a entrada dos mesmos. O material do hall é em madeira, e nessa local ficam os cartazes, divulgando os eventos do CTG.

Figura 23: Banheiros



Fonte: Autora, 2015

A copa (Figura 24) é o local onde são vendidas e ficam estocadas as bebidas durante os eventos. É localizada nos fundos do CTG, ao lado dos banheiros e através da copa tem o único acesso interno à cancha de bocha.

Figura 24: Copa



Fonte: Autora, 2015

Há uma galeria dos patrões, prendas e peões, em que estes representantes da entidade são expostos (Figura 25), fica acima da copa e o material da galeria é todo em madeira. Na parte superior, tem um pequeno mezanino, com algumas mesas, para eventos com uma grande quantidade de pessoas, para acesso ao mezanino, há duas escadas nas laterais.

Figura 25: Galerias



Fonte: Autora, 2015

Abaixo da galeria, há a entrada para a cozinha, em que somente a patronagem do CTG e quem trabalha nos eventos têm acesso permitido. Quem comanda a cozinha é a patroa da entidade. A cozinha possui churrasqueiras grandes, permitindo uma demanda grande de comida, mesas para cortar alguns alimentos, um local para armazenamento de pratos, talheres, panelas que serão utilizadas nos eventos (Figuras 26 e 27).

Figura 26: Cozinha



Fonte: Autora, 2015

Figura 27: Churrasqueira



Fonte: Autora, 2015

Ao lado da cozinha está localizada uma lareira campeira, que nos dias frios de eventos é acessa, além de bancos rústicos, que também servem como baú para

guardar alguns pertences da entidade. Na parede desse local, tem um espaço com os quadros das invernadas e os troféus ganhados em rodeios (Figura 28).

Figura 28: Lareira e Parede



Fonte: Autora, 2015

Os equipamentos dos cenários normalmente ficam ao lado do tablado, por serem grandes e algumas vezes pesados, em dias de ensaio é mais fácil a colocação e retirada deles (Figura 29). A construção do cenário normalmente é feita na cancha de bocha, para que não seja visível à população, pois os temas das coreografias das invernadas, devem ser segredo até o dia da sua apresentação. Os cenários que não são mais utilizados ficam sobre os banheiros, local que não é muito visível (Figura 30).

Figura 29: Cenário



Fonte: Autora, 2015

Figura 30: Cenário Banheiro



Fonte: Autora, 2015

Há vestiários para as invernadas adulta e juvenil, sendo um feminino, (Figura 31), e outro masculino (Figura 32), ficam do lado oposto da entrada, atrás do local onde estão os cenários. No andar superior há o vestiário da invernada mirim, nesse local só é permitido o acesso de integrantes das invernadas e da patronagem.

Figura 31: Vestiário Feminino

Fonte: Autora, 2015

Figura 32: Vestiário Masculino

Fonte: Autora, 2015

Alguns ambientes da entidade estão bem localizados, como a copa e a cozinha. Porém alguns espaços são muito pequenos, como os vestiários, visto que em dia de evento de todas as invernadas, é impossível trocar de roupa neles. Além disso há certos ambientes que não tem no CTG, ou estão mal posicionados e dimensionados, dificultando algumas tarefas e conforto em alguns eventos.

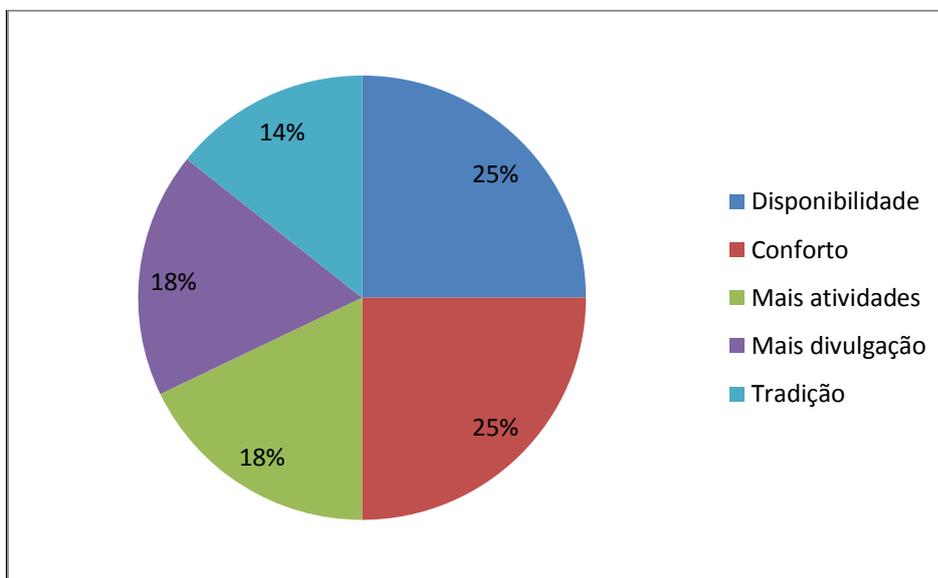
4.2.1 Questionário

Foram feitos dois questionários, o primeiro deles, foi feito com algumas pessoas da cidade que não frequentam o local diariamente, homens e mulheres da comunidade em geral, para saber a opinião deles sobre a entidade e o que os levaria a frequentar mais o CTG. O segundo questionário foi realizado com pessoas que participam do CTG, para saber uma opinião deles sobre a entidade, o que elas acham sobre o local da entidade, o prédio, sugestões para melhorias e o que está bom.

Da comunidade responderam 28 pessoas, entre essas pessoas, 16 frequentam o CTG, levando seus filhos para dançar nas invernadas, frequentam as tertúlias que acontecem no CTG toda 2ª sexta-feira de cada mês e alguns fizeram cursos de dança que tem 1 vez por ano na entidade. Das 12 pessoas que não frequentam a entidade, algumas são por falta de tempo, outras é porque não receberam incentivos quando eram crianças e alguns são contra os costumes da entidade.

Para poder observar as sugestões, foi realizado um gráfico, onde está mais visível as opiniões da população sobre as melhorias que fariam frequentar mais o local (Figura 33).

Figura 33: O que faria frequentar mais o local?



Fonte: Autora, 2015

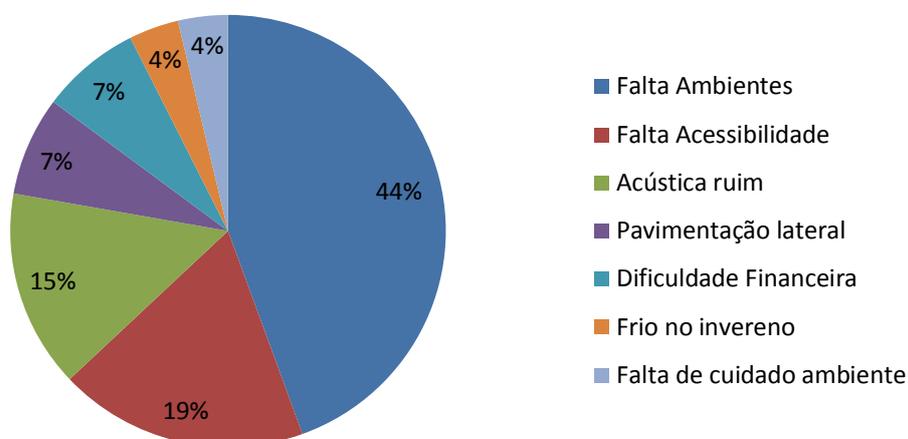
Foi questionado o que faria essas pessoas frequentarem mais o local, alguns responderam que não frequentam mais porque não tem tempo, outros pediram que os eventos fossem mais divulgado, alguns pediram atividades diferenciadas, algumas até ao ar livre e em finais de semana, que chamassem mais atenção. O conforto foi bastante questionado, sobre os bancos serem de madeira, sugeriram que a comida fosse servida na mesa, e que houvesse mudanças nas instalações. A demora das apresentações também foi apontado.

O segundo questionário foi respondido por seis integrantes da internada adulta do CTG e mais duas pessoas que fazem parte da patronagem, com idade entre 18 e 40 anos, dos quais 3 homens e 5 mulheres, alguns fazem parte do CTG há mais de 10 anos e outros há apenas 1 ano.

Algumas coisas que puderam ser percebidas, é que as pessoas que fazem parte da entidade, estão ali porque gostam acima de tudo da tradição gaúcha, de representar o seu CTG em rodeios, do orgulho de ser gaúcho, das amizades que fizeram e da gastronomia gaúcha.

Abaixo está um gráfico (Figura 34) com a opinião das pessoas sobre o que não está agradando no CTG.

Figura 34: Coisas que não gosta no CTG

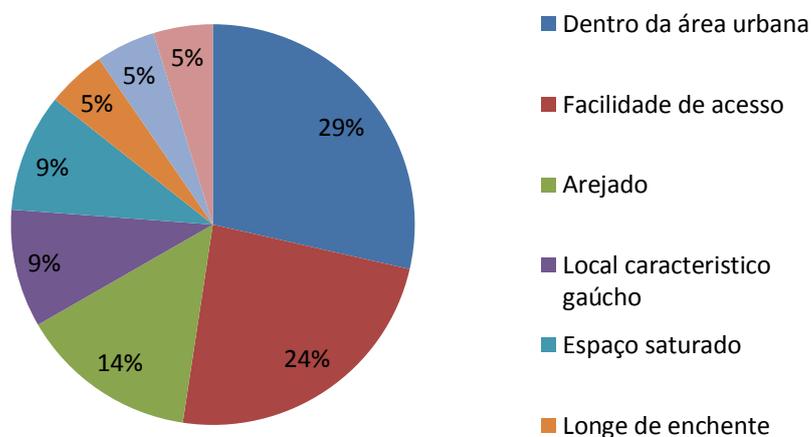


Fonte: Autora, 2015

Pode se perceber que as pessoas sentem falta de alguns ambientes, como salas de oficinas, sala para os grupos de dança, local para cenários, secretaria. O que deixa a desejar bastante, pelo que as pessoas responderam, é a falta de acessibilidade para os deficientes e acústica ruim. O frio no inverno, a pavimentação lateral, dificuldade financeira e a falta de cuidado com o ambiente foram citados também.

Quanto ao local atual do CTG, a opinião das pessoas pode ser observada no gráfico abaixo (Figura 35).

Figura 35: Local atual do CTG

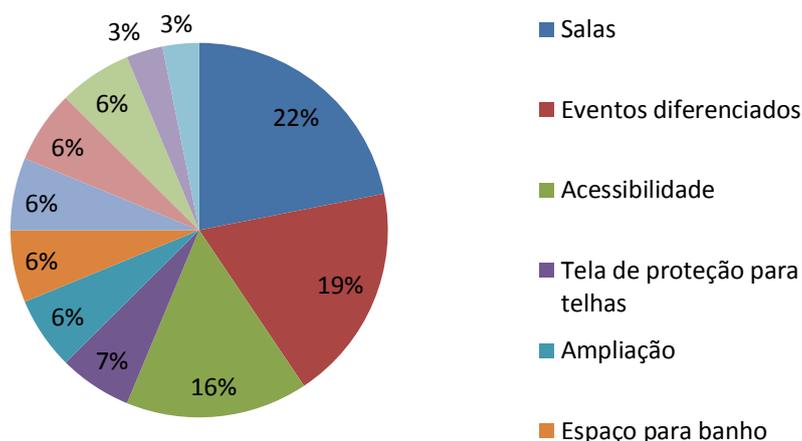


Fonte: Autora, 2015

Alguns defenderam o local, dizendo que está dentro da área urbana, tem facilidade de acesso, local arejado, característico gaúcho, longe de enchente. Outros já acham que o espaço está saturado e com falta de estacionamento.

Outra questão era se os participantes tinham sugestões de melhorias para a entidade. Todos falaram alguma coisa que sentiam falta, e que poderia agregar a entidade, como pode ser analisado no gráfico abaixo (Figura 36).

Figura 36: Melhorias



Fonte: Autora, 2015

As sugestões foram acessibilidade nos banheiros, nas entradas e no tablado, retirando os degraus. Espaço maior para a cozinha e para a churrasqueira, os banheiros com espaço para banho, além de um local para os vestiários dos integrantes das invernadas.

Fazer mais eventos para jovens e divulgar melhor os eventos, mudar o telhado ou colocar uma proteção para as telhas, trocar o tablado, revestimento novo, pavimentação lateral e aumento do estacionamento. Salas para reuniões, para os grupos, para os cenários, para as pilchas e para os brinquedos, melhorias na iluminação e ventilação, mas sem perder sua característica gaúcha.

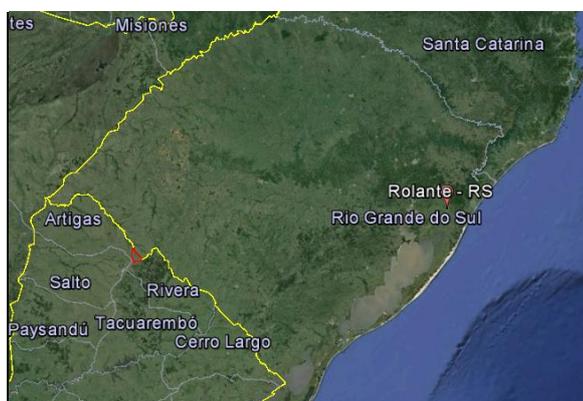
5 ÁREA DE INTERVENÇÃO

Neste capítulo serão descritas as informações em relação ao lote escolhido. Dados do município de Rolante e do entorno do lote.

5.1 MUNICÍPIO DE ROLANTE

O lote escolhido para desenvolvimento do projeto está localizado em Rolante, Rio Grande do Sul, (Figura 37). O município faz parte da região do Vale do Paranhana e a distância da Capital, Porto Alegre, é de 95km.

Figura 37: Localização de Rolante no Rio Grande do Sul



Fonte: GOOGLE EARTH, Adaptado pela autora (2015)

Atualmente, Rolante possui, aproximadamente, 21.124 habitantes, com área de 303,53km². O município faz divisa ao norte com São Francisco de Paula, ao Sul com Santo Antônio da Patrulha, ao leste com Riozinho e ao oeste com Taquara (Figura 38).

A cidade de Rolante atualmente tem um Plano Diretor efetivado no dia 01 de novembro de 2006, de Lei nº2142, mas que está inativo devido a problemas em sua elaboração, necessitando revisão e adequação.

Figura 38: Principais vias de acesso



■ Taquara
 ■ Rolante
 ■ Riozinho
 ■ Santo Antônio da Patrulha
 — RS-239 e RS-474

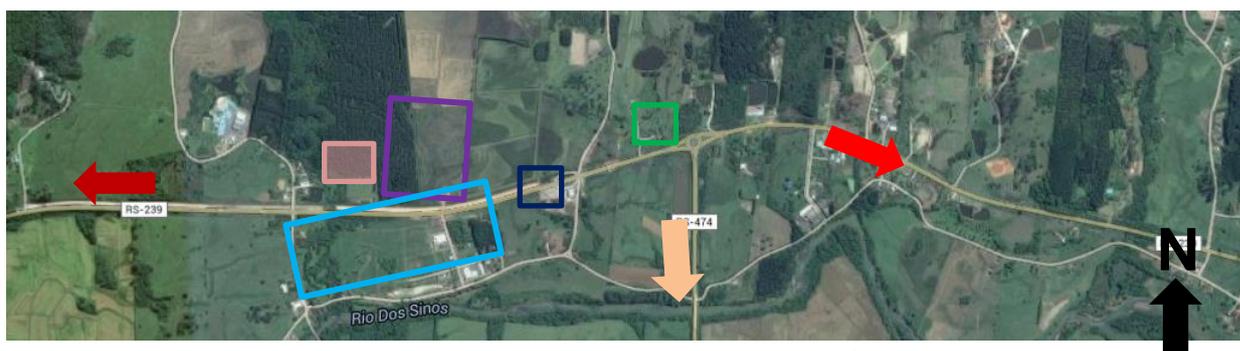
Fonte: GOOGLE EARTH, Adaptado pela autora (2015)



5.2 ÁREA DE INTERVENÇÃO

O lote (Figura 39) escolhido está localizado próximo ao Parque Vitor Mateus Teixeira, conhecido por parque do Rolantchê, onde acontece o rodeio campeiro e artístico de Rolante e a Semana Farroupilha. Um dos motivos por esse terreno ser escolhido, é ele estar na frente do parque.

Figura 39: Mapa do lote

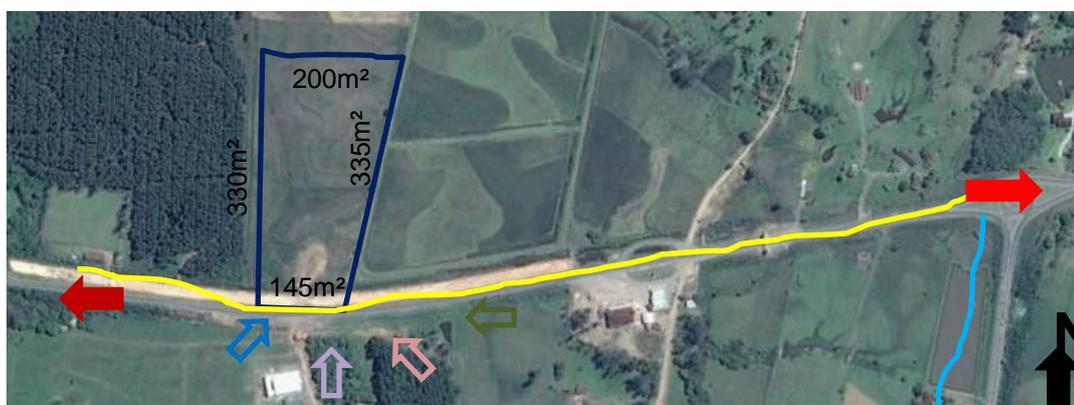


■ Lote
 ■ Parque Rolantche
 ■ Posto Charrua
 ■ Rotula
 ➡ Rolante
 ➡ Taquara
■ Campo de futebol
 ➡ Santo Antônio da Patrulha
 — RS-239 e RS-474

Fonte: GOOGLE EARTH, Adaptado pela autora (2015)

Outros motivos, é que o local não pega enchente, não está localizado no centro da cidade. Está situado na RS-239, via de principal acesso a Rolante e a Santo Antônio da Patrulha. Com o objetivo de proporcionar o CTG não somente a cidade de Rolante, mas que fosse de fácil acesso para suas extremidades, acesso fácil ao público externo, já que está via é utilizada por habitantes de Gramado, Taquara e demais cidades, para irem ao litoral gaúcho e catarinense (Figura 40).

Figura 40: O Lote



■ Lote
 — RS-239
 — RS-474
 ➡ Rolante
 ➡ Taquara
 ➡ Vista 1
 ➡ Vista 2
 ➡ Vista 3
 ➡ Vista 4

Fonte: GOOGLE EARTH, Adaptado pela autora (2015)

Rolante é conhecido por ser a “Capital Nacional da Cuca” e como a invernada adulta do CTG possui o tema de entrada e retirada referente à festa da cuca, se pensou na possibilidade de ter cucas e demais produtos coloniais para vender no CTG. Existe um grande fluxo viário na RS 239, portanto teria um movimento frequente na entidade, até para uso do restaurante, e assim ela não ficaria restrita somente ao pessoal do CTG.

O lote está em uma zona Rural, que fica a mais ou menos 5 km da entrada de Rolante. Os usos das edificações vizinhas são variadas, residências um pouco distante do lote, comercio é somente o posto de gasolina, uma pousada e um restaurante de beira de estrada, há um campo de futebol localizado a 1km do lote.

As vistas do lote podem ser observadas nas seguintes imagens (Figura 41, 42, 43 e 44).

Figura 41: Lote Vista 1



Fonte: GOOGLE EARTH, Adaptado pela autora (2015)

Figura 42: Lote Vista 2



Fonte: Autora (2015)

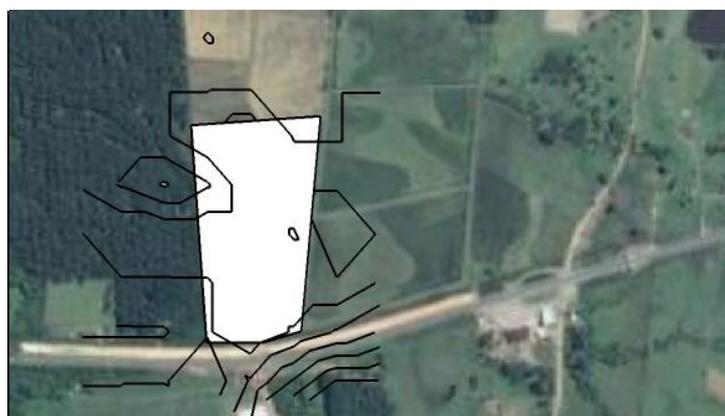
Figura 43: Lote Vista 3

Fonte: Autora (2015)

Figura 44: Lote Vista 4

Fonte: GOOGLE EARTH, Adaptado pela autora (2015)

O lote não faz divisa com nenhuma construção em seu entorno, somente na frente do lote, na fachada sul, voltada para a RS 239, onde está localizado o Rolantchê. Como o terreno já foi aterrado, por ser de propriedade particular, está nivelado, assim pode ser considerado um lote plano, sem desníveis, as curvas mais próximas do lote não chegam a interferir em sua topografia (Figura 45).

Figura 45: Lote e topografia

Fonte: GOOGLE EARTH, Adaptado pela autora (2015)

O sistema viário (Figura 46) do lote escolhido é composto pela via RS 239, e que tem ligação através de uma rótula (Figura 47) com a RS 474, assim faz com que o trânsito diminua a velocidade do fluxo neste ponto, onde na época de veraneio é intenso. Outro fator que faz diminuir a velocidade, é que alguns quilômetros após o lote, em direção a Taquara, há um pardal de 80km/h. A RS 239 (Figura 48) é asfaltada, e esta em processo de duplicação.

Figura 46: Sistema viário



Figura 47: Rótula



Fonte: GOOGLE EARTH, Adaptado pela autora (2015)

Figura 48: RS 239



Fonte: GOOGLE EARTH, Adaptado pela autora (2015)

No site do clima tempo foi possível analisar a direção do vento por cinco dias, assim, a predominância do sentido do vento foi Sudoeste. O programa de necessidades será distribuído de forma que as orientações solares sejam apropriadas para os ambientes. Caso precisar de alternativas, poderá ser proposto uso de brises, diminuindo o desconforto térmico da edificação. O sol nasce no leste e se põe no oeste (Figura 49).

Figura 49: Predominância vento



Fonte: GOOGLE EARTH, Adaptado pela autora (2015)

O lote está bem posicionado, sua fachada principal está voltada para o sul. Como o lote não possui edificações em seu entorno, nada prejudicará a insolação. No lado oeste, há um lote com uma grande quantidade de vegetação (Figura 50), o que irá facilitar para que o ambiente que ficar para este lado, não seja comprometido com a insolação.

Figura 50: Vegetação



Fonte: GOOGLE EARTH, Adaptado pela autora (2015)

6 PROJETOS REFERENCIAIS

Projetos referenciais formais e análogos foram procurados para auxiliar nas pesquisas e na elaboração do projeto para nova sede do CTG Passo dos Tropeiros. Dessa forma, auxiliando a organizar o projeto e o entendimento do tema proposto.

6.1 PROJETOS REFERENCIAIS ANÁLOGOS

Como referenciais análogos foram procurados projetos que possuem um programa de necessidades comum com um Centro de Tradições Gaúchas. Dessa forma, não só os CTGs foram incluídos como exemplares, isso se deve pela dificuldade de encontrar um bom projeto de CTG que possa servir como referência, por serem mais antigos, não estarem atualizados às novas normas e serem desenvolvidos por pessoas não habilitadas.

6.1.1 Parque do Gaúcho

Arquitetos: Ana Carolina Pellegrini, Camilo Holzmann da Silva, Clóvis Ramalho Marques, Cristian Illanes, Letícia Teixeira Rodrigues, Pedro Augusto Alves da Inda, Tiago Holzmann da Silva (Coord.)

Localização: Bagé, RS

Proposta: 2003

Projeto Executivo: 2004

Para o projeto Parque do Gaúcho, foi feito um concurso, no qual o escritório 3C Arquitetura e Urbanismo participou e foi escolhido como o vencedor. O parque ainda não foi totalmente construído.

Segundo o site do escritório 3C Arquitetura e Urbanismo, o conceito do projeto foi “Gaúcho, filho da Terra e do Vento”, por isso o parque foi dividido em dois pólos principais, vento (norte) e terra (sul). No primeiro polo ficaram as atividades de esporte, salão de baile e pavilhão de exposições. No segundo polo há a entrada principal para o parque, além das atividades que envolvem o trabalho da terra, que incluem o restaurante, o museu, a feira e a hospedaria.

O parque possui mais de 270 hectares, na implantação pode ser observado isto (Figura 51), ele é conectado por um grande corredor, permitindo a passagem de pedestres, cavalarianos e ciclistas (3C Arquitetura e Urbanismo).

Figura 51: Implantação Geral



- Pavilhão multifuncional
- Recepção
- Administração e CTG
- Hospedaria
- Salão de baile e restaurante
- Acampamento campeiro

Fonte: Projeto 3C Arquitetura e Urbanismo

O pavilhão multifuncional (Figura 52) é onde acontecem os eventos variados, como exposições, show e bailes, com espaço para 1.000 pessoas. Ele tem um picadeiro central, para os bailes ou show, um bloco com baias para as exposições, um bloco de apoio para os camarins, uma praça de conveniência. Todo o prédio tem a mesma base geométrica (2,5m x 2,5m), assim facilitando sua construção (3C Arquitetura e Urbanismo).

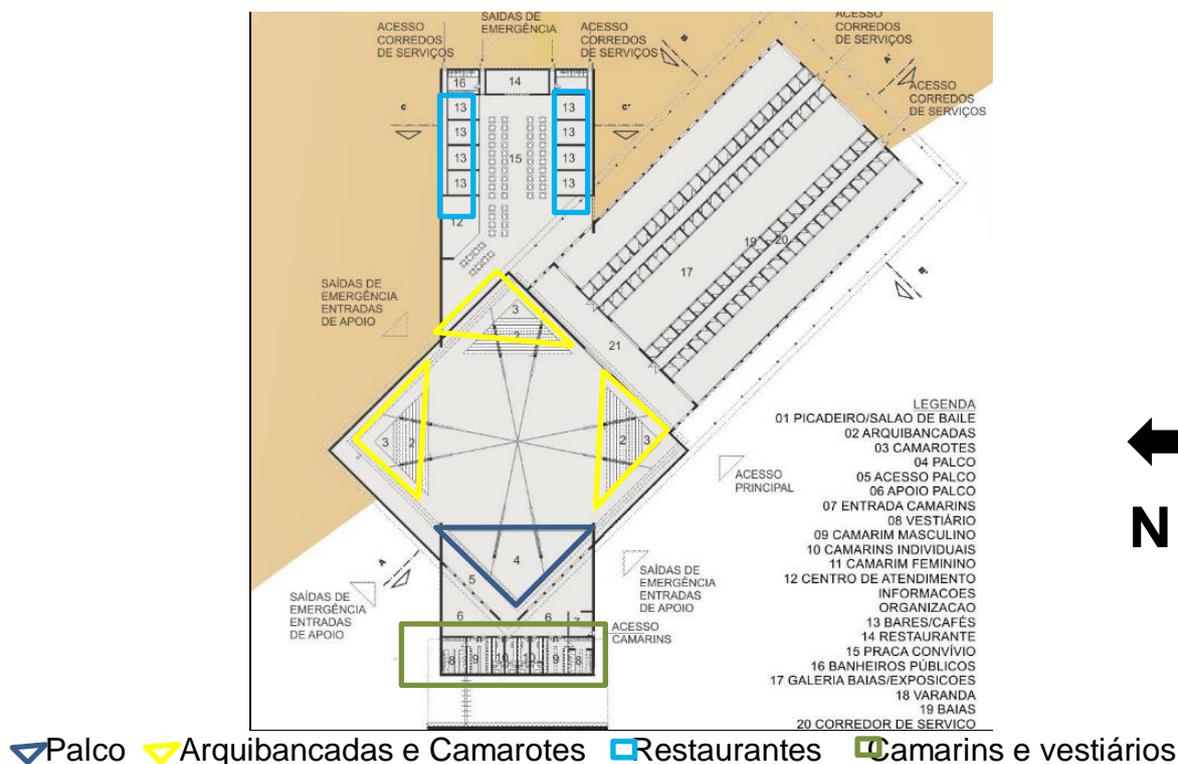
Figura 52: Pavilhão Multifuncional



Fonte: Projeto 3C Arquitetura e Urbanismo

Uma análise da planta baixa do pavilhão (Figura 53), em que podem ser visualizados os ambientes. No acesso principal encontra-se um corredor, com as divisões do ambiente, as exposições, os restaurantes ou para o baile, e há os camarins, é acessado por quem estiver utilizando o palco.

Figura 53: Planta baixa do Pavilhão Multifuncional



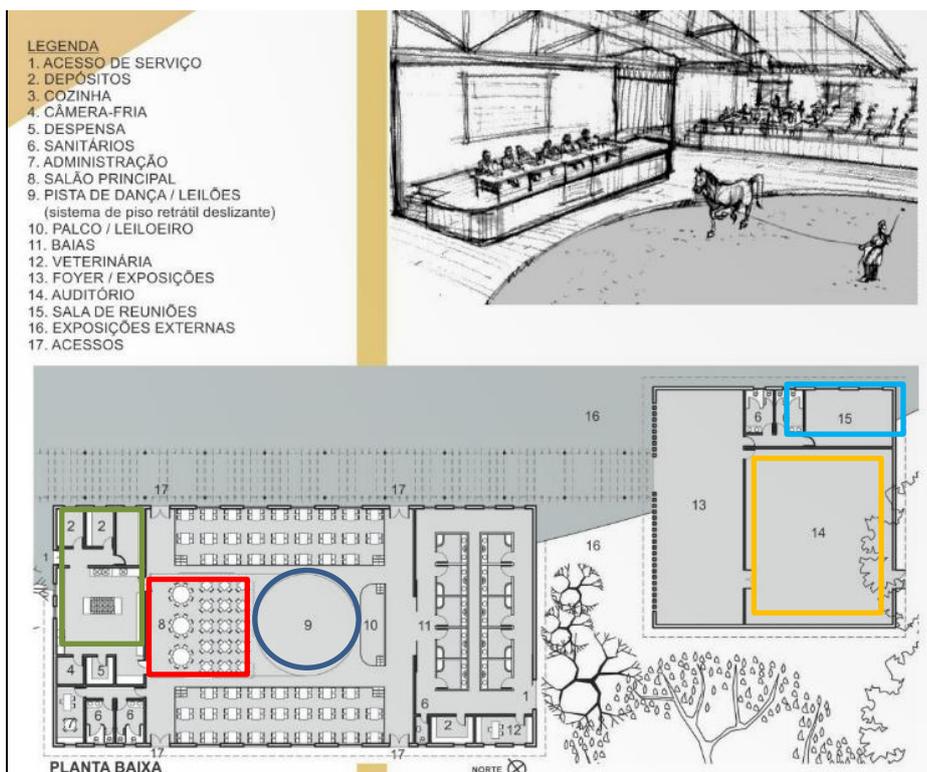
Fonte: Projeto 3C Arquitetura e Urbanismo

Segundo as informações disponibilizadas no site do 3C Arquitetura e Urbanismo, no volume central é utilizada estrutura com toras de eucaliptos, o bloco das baias e exposições possui estrutura de eucalipto e alvenaria e, o bloco de apoio é de pedra. Um dos pontos positivos do parque é que foram utilizados alguns recursos sustentáveis para o condicionamento térmico, por exemplo, a ventilação cruzada e a zenital em todos os blocos, além das paredes duplas de alvenaria.

O Pavilhão está localizado próximo à porteira norte, aos piquetes de cavalo, a praça dos esportes, a equitação, ao estacionamento e ao salão de baile.

O salão de baile (Figura 54) tem um restaurante com capacidade para 300 pessoas e uma pista onde ocorrem os leilões de cavalos, já que a modulação facilita a ocorrência de diversas atividades. O salão tem como apoio baias para cavalos, veterinária, depósitos, sanitários, cozinha e outros, além de ser próximo ao pavilhão multifuncional.

Figura 54: Planta baixa Salão

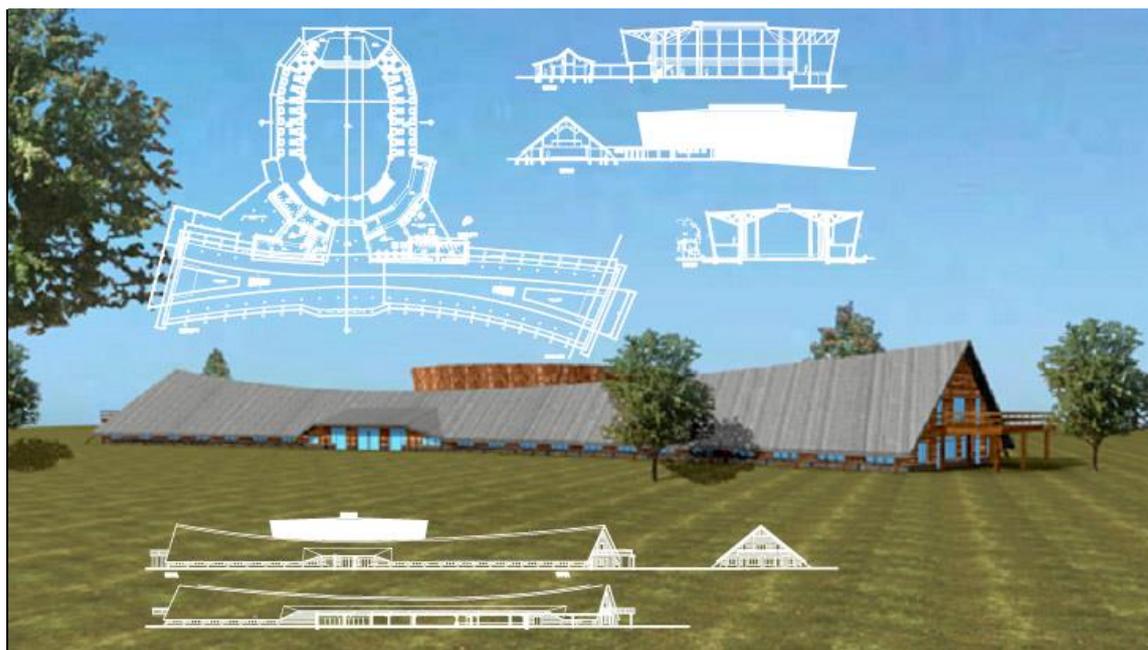


○ Pista de dança □ Depósito e Cozinha □ Salão principal □ Auditório □ Sala Reunião

Fonte: Projeto 3C Arquitetura e Urbanismo

Uma perspectiva do salão de baile (Figura 55), como também fachadas, cortes e planta baixa.

Figura 55: Salão de Baile



Fonte: Projeto 3C Arquitetura e Urbanismo

Uma das características do parque é a variedade de hospedaria, podendo utilizar ranchos ou os alojamentos. O local tem área para 1000 barracas, dividido entre campeiros e visitantes. Tem a infraestrutura de apoio próximo, como sanitários, cozinhas, estacionamento, cancha reta e anfiteatro. O acampamento campeiro tem acesso permitido de veículos (3C Arquitetura e Urbanismo).

Os ranchos (Figura 56), que são cabanas para quatro pessoas, proporcionam mais conforto do que as barracas. Para a construção das cabanas, foi utilizado como referência os ranchos gaúchos, a planta tem cozinha, sala de estar e dormitório.

Figura 56: Cabanas

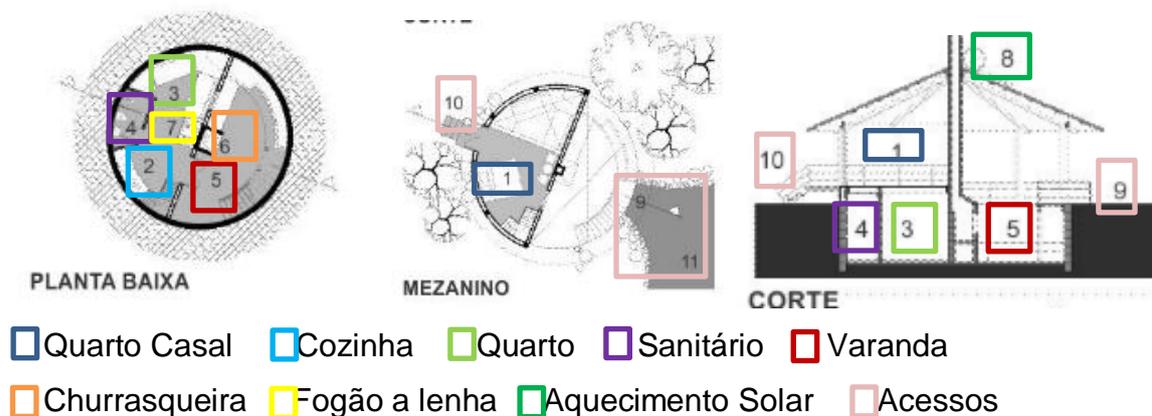


Fonte: Projeto 3C Arquitetura e Urbanismo

A hospedaria da Barragem é uma edificação ranchos/cabanas, que está localizada perto do acesso e dos ranchos do acampamento. Também tem como referência as formas de habitar do Rio Grande do Sul, como a habitação rural e as cabanas indígenas.

A hospedaria tenta aproveitar a sustentabilidade, assim para o aquecimento da água, é utilizada a conversão de biomassa por combustão direta, como o fogão a lenha e as lareiras, a utilização da água da chuva e do reservatório para a descarga dos sanitários.

As cabanas (Figura 57) por dentro, são divididas em dois pavimentos, no mezanino é o acesso principal as cabanas e o quarto do casal. No outro pavimento, é localizado o restante da casa, como a cozinha, o quarto, o sanitário, varanda.

Figura 57: Planta baixa e corte

Fonte: Projeto 3C Arquitetura e Urbanismo

Em Bagé as festas campeiras são muito tradicionais. A cancha é utilizada para demonstração e concurso das lidas campeiras, já que ela é a principal atração da festa. Ela foi implantada conforme o vento, pois os ventos predominantes favorecem o tiro de laço, para que não precisasse ter muita movimentação de terra.

Perto da cancha, estão os locais para aquecer a água do chimarrão e fazer churrasco, e assim tem mais confraternização entre as pessoas.

Uma implantação do local da cancha campeira (Figura 58), ela tem local para a entrada e saída do gado, a cabine onde fica o narrador e outra que fica os juízes.

Figura 58: Cancha campeira

Fonte: Projeto 3C Arquitetura e Urbanismo

O projeto tem um amplo programa de necessidades e um amplo espaço que facilita a utilização deste programa, e que pode ser utilizado como referência para o Trabalho final de Graduação. As áreas são divididas conforme suas categorias, campeira e artística, porem, são interligadas através de caminhos.

6.1.2 Galpão Crioulo Sport Clube Internacional

Arquitetos: Jonas Schiaffino e Diogo Schiaffino

Localização: Porto Alegre, RS

Proposta: 2005

Área do projeto: 2.650m²

Cliente: DTG Lenço Colorado

O projeto é único, por ser um Complexo Crioulo para um clube de futebol, o projeto foi denominado Parque Temático da Cultura Gaúcha. Segundo o padrão do DTG Lenço Colorado do ano de 2005, era para ser o maior complexo, tendo aulas de dança, artes cênicas e música.

O Complexo está localizado entre o Estádio Beira Rio e o Gigantinho (Figura 59), o que facilita a movimentação da população pelo local, aproximando as pessoas da cultura gaúcha.

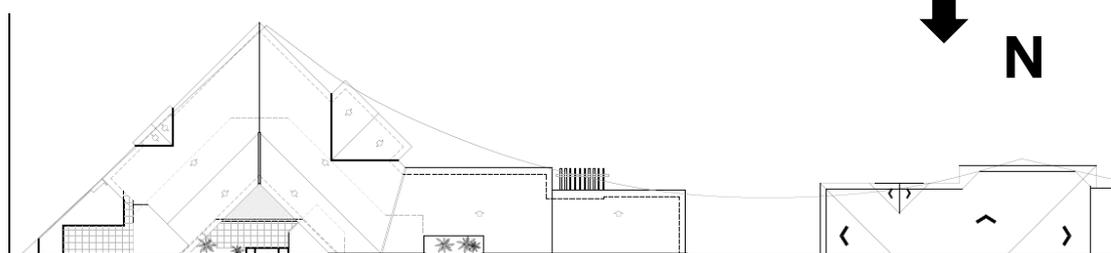
Figura 59: Localização do complexo



Fonte: Sport Club Internacional

O complexo tinha como objetivo ser a sede do DTG Lenço Colorado e sede do departamento Consular em dias de jogos, mas como ocorreu uma captação de recursos, o local hoje em dia é utilizado principalmente como centro de eventos, mas o DTG utiliza o local também. Uma implantação técnica (Figura 60).

Figura 60: Implantação técnica



Fonte: Jonas Schiaffino Arquitetura

A intenção do projeto é proporcionar aos associados e a população, outro contato com a cultura gaúcha, através da música, danças gaúchas, dos shows e das poesias (SPORT CLUB INTERNACIONAL).

O complexo (Figura 61 e 62) tem área construída de 2.650m² e 2.000m² de paisagismo externo, uma das características do projeto, é que ele possui um salão de eventos com capacidade para 800 pessoas sentadas e 1.000 de pé, restaurante com a comida típica gaúcha, há uma réplica do fogão de chão gaúcho, palco e camarins para a realização de shows e festivais (SPORT CLUB INTERNACIONAL).

Figura 61: Complexo



Fonte: Jonas Schiaffino Arquitetura

Figura 62: Vista Superior

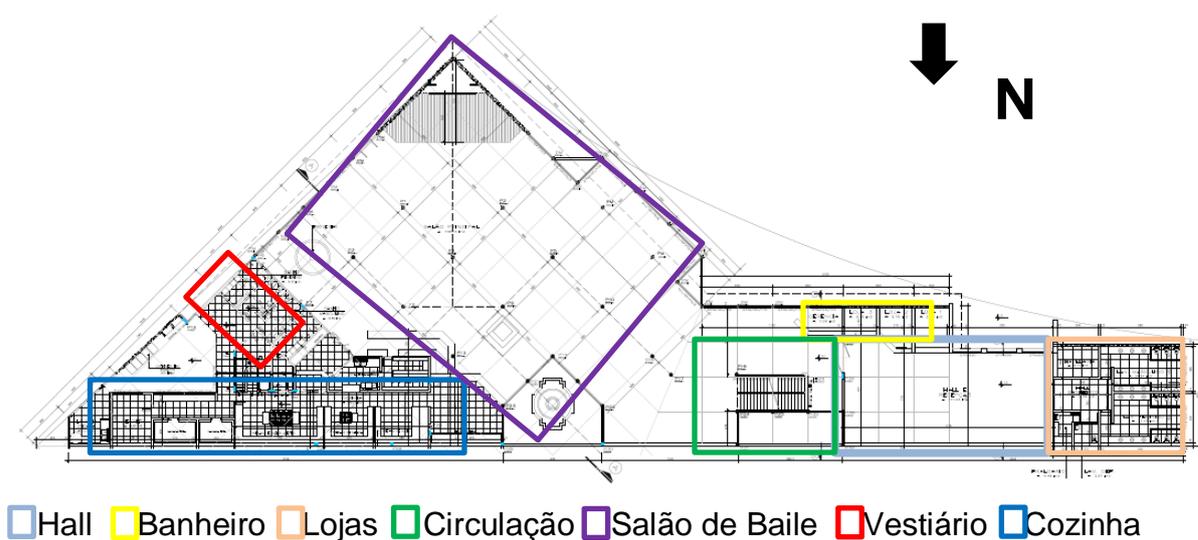


Fonte: Jonas Schiaffino Arquitetura

Uma das qualidades do projeto é um espaço para exposições de imagens sobre a cultura gaúcha, uma pista de dança para até 1.500 pessoas, um mezanino com jardim e bar.

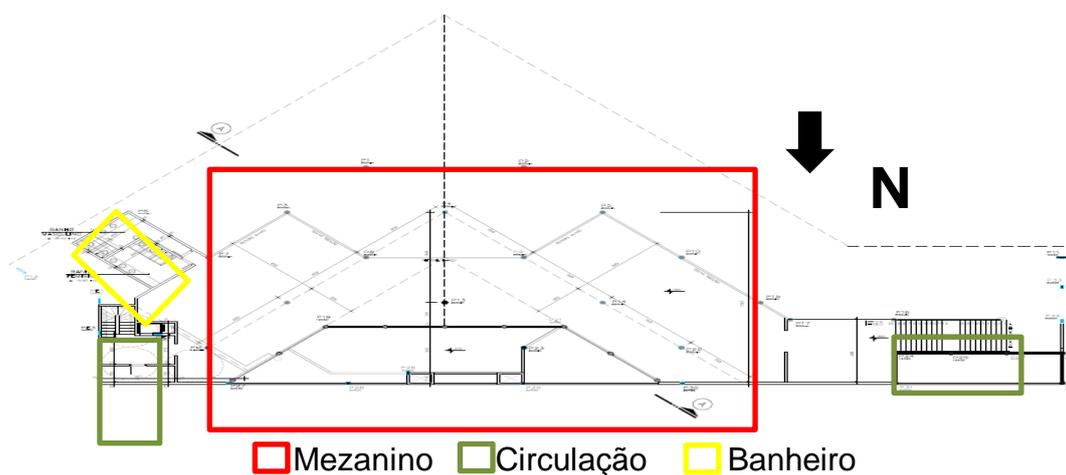
Outra qualidade do projeto é a separação dos ambientes, logo na entrada já se percebe uma divisão, começando pelo hall de entrada de um lado e os banheiros para visitantes do outro. Tem a opção de ir para o mezanino como também para o salão de baile, locais públicos (Figura 63 e 64).

Figura 63: Planta Baixa



Fonte: Jonas Schiaffino Arquitetura

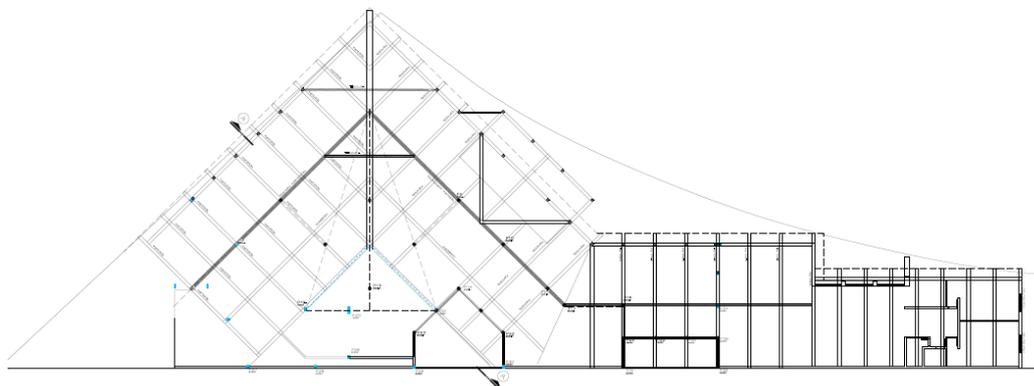
Figura 64: Planta Baixa 2º pavimento



Fonte: Jonas Schiaffino Arquitetura

As telhas do Centro de Eventos são de cerâmica e revestidas por um material colonial e isolante térmico. A estrutura do telhado (Figura 65) é de madeira.

Figura 65: Estrutura telhado



Fonte: Jonas Schiaffino Arquitetura

Uma das fachadas do projeto, que mostra externamente o local do salão de baile e o mezanino (Figura 66).

Figura 66: Fachada



Fonte: Jonas Schiaffino Arquitetura

O projeto traz referências quanto ao seu programa de necessidades, que é muito parecido com o que é planejado fazer, como o salão de baile e a divisão dos vestiários, também é interligado o complexo com o estádio de futebol, interagindo a cultura gaúcha com a cultura do futebol.

6.2 PROJETOS REFERENCIAIS FORMAIS

Esses projetos são de referência para o futuro projeto da nova sede do CTG, algumas formas, materiais que foram utilizados nos seguintes projetos, podem ser utilizadas no futuro.

6.2.1 Centro Cultural de Paraty

Arquitetos: Acacia Furuya, Anderson Freitas e Pedro Barros

Localização: Paraty - RJ

Proposta: 2014

Área do projeto: 15.000m²

O projeto do Centro Cultural de Paraty foi resultado de um concurso, onde este ficou em 2º lugar. A ideia do projeto, é que ele tivesse uma força urbana, uma forma simples, mas que causasse sensações nas pessoas que passassem por ele (Apiacás Arquitetos).

A volumetria (Figura 67) marca os acessos do público e serviços, porém esta não é a ideia principal, e sim a ideia de circular pelo edifício, sem estar envolvido nele. Praticamente todo ele é aberto, ou tem um caminho, que quem passa pelas ruas tem a visão do pavilhão e das exposições, pela outra rua, o restaurante (Apiacás Arquitetos).

Figura 67: Volumetria



Fonte: Apiacás Arquitetos

O programa de necessidades, além dos ambientes já citados, conta ainda com salas de reuniões, teatros, estacionamento coberto, pátio coberto e ajardinados. (Apiacás Arquitetos).

O local dos eventos principais, como shows, acontece no pátio central (Figura 68), localizado no meio da volumetria (Figura 69).

Figura 68: Pátio Central



Fonte: Apicás Arquitetos

Figura 69: Meio volumetria



Pátio Central
 Palco Banda
 Salas

Fonte: Apicás Arquitetos

Este projeto foi utilizado como referência formal, por causa de algumas características formais, como o palco central, com os outros ambientes ao seu redor, assim o palco é a “atração” principal do projeto.

6.2.2 Centro de Tradições Lo Barnechea

Arquitetos: Gonzalo Mardones V Arquitetos

Localização: Santiago, Chile

Proposta: 2014

Área do projeto: 1.425m²

O projeto é um centro de tradições, que tem como objetivo beneficiar alunos de escolas municipais. Assim o edifício (Figura 70) possui oficinas de teatro, artes visuais, artesanato, trabalhos manuais em geral, música, cinema, literatura, jogos de mesa, dança, artes, cozinha e outros (Archdaily.c.).

O anfiteatro é externo, pois foi criado sendo uma extensão do espaço público, integrando a parte interna com a externa. Também foi criado um hall, que conecta todos os níveis. Os dois níveis subterrâneos possuem sala com pé-direito maior (Figura 71), e uma acústica adequada para as aulas de música e dança (Archdaily.c.).

Figura 70: Centro Cultural



Fonte: Archdaily(c)

Figura 71: Salas subterrâneas



Fonte: Archdaily(c)

Todo o projeto foi feito em concreto armado, possibilitando espaços grandes e abertos, tendo fachadas envidraçadas em direção à rua. A estrutura foi reforçada com pilares tubulares de aço (Figura 72), sem uma ordem aparente e atravessando toda a altura interna do edifício (Archdaily.c.).

Figura 72: Pilares



Fonte: Archdaily(c)

6.2.3 Academia Pulse Health e Fitness

Arquitetos: Rocco Vidal Perkins + Will

Localização: Natal – RN, Brasil

Proposta: 2014

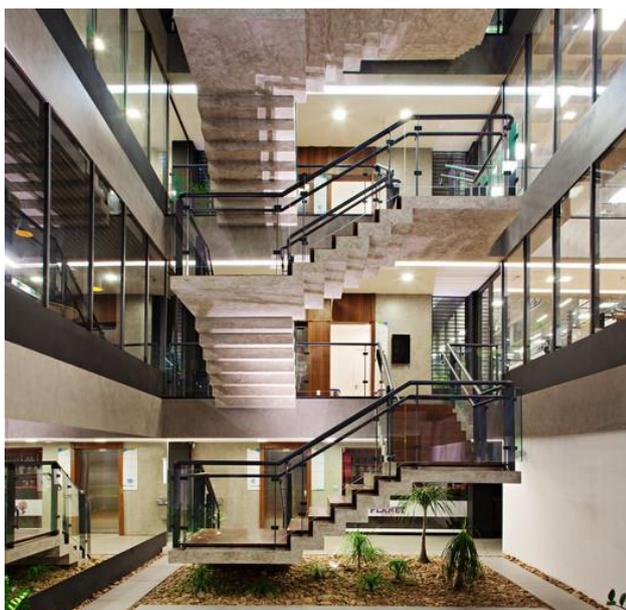
Área do projeto: 3.500m²

Este projeto da academia foi criado com a finalidade de ser uma referência no seu setor, assim tendo um espaço melhor de convivência, saúde e qualidade de vida, um ambiente voltado à família, através de diversas aulas, modalidades e espaços (Archdaily.a).

A academia (Figura 73) se divide em dois blocos, um de serviço e outro de academia, voltados para um pátio central, onde há a circulação vertical (Figura 74). Esse mesmo pátio possui uma iluminação zenital, pensado justamente para passar a sensação de prática esportiva.

Figura 73: Academia

Fonte: Archdaily(a)

Figura 74: Circulação vertical

Fonte: Archdaily(a)

O organizador do projeto é o pátio central, que conecta os quatro níveis da academia, e onde se localizam os sanitários, escada e os elevadores. O pé-direito duplo, as lajes e as passarelas de concreto são a identidade do local, pois são os elementos que dão movimento e dinâmica ao espaço. Todas as salas possuem climatização e sonorização (Archdaily.a.).

O edifício possui brises amadeirados e recebe uma cobertura, uma “casca”, que une os dois blocos (Figura 75).

Figura 75: Volumetria

Fonte: Archdaily(a)

6.2.4 Escola de administração de Yale

Arquitetos: Foster + Partners

Localização: Yale University, New Haven, EUA

Proposta: 2014

Área do projeto: 3.500m²

As instalações educacionais e os espaços sociais foram combinados, unindo dois departamentos que sempre foram separados na Universidade de Yale somente em um local, criando um pátio central fechado (Figura 76), visível de toda a escola (Archdaily.b.).

Figura 76: Pátio Central

Fonte: Archdaily(b)

O projeto foi guiado pelo princípio de que as interações fora de sala de aula são importantes como a aula, assim as salas de aula estão dentro de dezesseis tambores de pé-direito duplo entorno do pátio central (Archdaily.b.).

Os espaços sociais estão no térreo, onde há uma cafeteria, uma midiateca e uma sala comum voltada para o pátio (Figura 77). No segundo pavimento estão as salas de aula unidas por uma circulação interna. O terceiro piso é afastado da fachada de vidro, a fim de permitir visuais diferentes entre os níveis (Archdaily.b.).

Figura 77: Espaço Social



Fonte: Archdaily(b)

O edifício possui uma sala semicircular (Figura 78), no segundo pavimento, que serve como sala de reunião para 80 pessoas, também tendo uma conexão com o pátio, através de um terraço. O auditório para 350 pessoas é aberto, possuindo uma ligação visual com o pátio (Archdaily.b.).

Figura 78: Sala semi-circular



Fonte: Archdaily(b)

A cobertura do projeto é sustentada por pilares esbeltos (Figura 79), foi projetada com o fim de criar sombra tanto na fachada como no pátio de acesso. As vigas do projeto são refrigeradas, com um sistema de deslocamento de ventilação e proteção solar (Archdaily.b.).

Figura 79: Pilares



Fonte: Archdaily(b)

7 PROPOSTA DE PROJETO

7.1 OBJETIVO DA PROPOSTA

A proposta para uma nova sede do CTG Passo dos Tropeiros tem como finalidade ser um projeto que ofereça uma infraestrutura de boa qualidade, para os eventos que podem ocorrer no local. Além disso, oferecer um local adequado para os integrantes das invernadas ensaiar, com as condições necessárias que precisam.

Busca ainda, ter espaços para a cultura do CTG, como ambientes para os livros, quadros históricos, troféus das invernadas, entre outros.

Por fim, visa criar um projeto que poderá servir de referência formal e funcional para outros CTGs, por ser uma edificação de boa arquitetura, e que irá atrair outras pessoas para o local, aumentando o crescimento e a troca de experiências entre as pessoas.

7.2 PÚBLICO ALVO

O público alvo de um CTG não é direcionado apenas para uma classe social ou uma faixa etária, e sim para diversas pessoas, não só quem gosta de dança, mas quem tem orgulho de ser gaúcho, gosta das tradições.

As invernadas atualmente possuem entre 15 a 30 integrantes cada, elas são divididas em faixas etárias, é preciso respeitá-las, não tem idade mínima para participar de uma invernada, as crianças menores iniciam na iniciante, onde aprendem os primeiros passos, e conforme for tendo idade, é obrigatório passar para outra invernada.

Para participar de uma invernada, menores de 18 anos precisam da autorização dos pais e que ao menos um deles seja sócio do CTG, aos maiores de 18 anos, não precisam ter pais como sócios, basta ele mesmo ser sócio, e como dançarino, não precisará pagar anuidade, que é cobrada dos pais. A quantidade exata de sócios não é divulgada, mas o CTG atualmente tem capacidade para 750 pessoas em seus eventos.

A comunidade em geral também é público alvo, pois em todos os eventos que o CTG organiza, ele está convidando a comunidade a participar.

7.3 PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa de necessidades para o projeto de um Centro Tradicionalista Gaúcho foi desenvolvido com base nas referências análogas e no estudo de caso. Para a metragem dos ambientes, foi utilizado como base o livro “Neufert: Arte de Projetar em Arquitetura” e o Código de Edificações de Riozinho. A futura entidade possuirá capacidade para 1500 pessoas. O programa de necessidades foi dividido em quatro setores, sendo eles:

Setor CTG: são os locais de ocupação do CTG, como o tablado, o palco para músicos, espaço para as mesas, os sanitários e os vestiários.

Setor apoio: é o setor que servirá de apoio para as atividades do CTG, como o museu, a biblioteca, local para os esportes campeiros, os dormitórios, local para as oficinas, sala multiuso, restaurante e local para vender os produtos coloniais.

Setor de serviço: é o setor do depósito, local para ar-condicionado, local para o reservatório, central de gás, gerador e estacionamento.

Setor administrativo: é o setor destinado para organização da entidade, composto por secretaria, tesouraria, almoxarifado e sala de reunião.

Tabela 2: Programa de necessidades

SETORES	COMODO	QUANT.	UNITÁRIO	ÁREA	CARACTERISTICA	FONTE
CTG	Tablado	1	140m ²	140m ²	Tablado para os bailes e apresentações	MTG, 2015
	Palco músico	1	32m ²	32m ²	Palco para os músicos	MTG, 2015
	Sanitários	2	15m ²	30m ²	Banheiros para o público em geral	Código Edificações, Riozinho 2014
	Local para mesas	1	450m ²	450m ²	Mesas para jantar no salão, com capacidade para 1.500 pessoas	Neufert, 2011
APOIO	Restaurante	1	50m ²	50m ²	Local para 3 buffet	Neufert, 2011
	Produtos coloniais	1	15m ²	15m ²	Espaço para vender cucas e demais produtos coloniais de Rolante	Neufert, 2011
	Copa	1	10m ²	10m ²	Venda de bebidas	Código Edificações, Riozinho 2014
	Despensa	1	15m ²	15m ²	Local para guardar as comidas	Código Edificações, Riozinho 2014
	Cozinha	1	60m ²	60m ²	Onde será feito as comidas	Código Edificações, Riozinho 2014
	Deposito	1	15m ²	15m ²	Guardar os mantimentos	Código Edificações, Riozinho 2014
	Sanitários	1	15m ²	15m ²	Banheiro para uso dos auxiliares da cozinha	Código Edificações, Riozinho 2014
	Esportes campeiros	1	300m ²	300m ²	Espaço para os esportes campeiros	MTG, 2015
	Vestiários	2	30m ²	60m ²	Vestiário para os integrantes das internadas	Neufert, 2011
	Dormitórios	2	45m ²	90m ²	Dormitórios para os integrantes das internadas	Neufert, 2011
	Oficinas	3	30m ²	90m ²	Salas para as oficinas	Neufert, 2011
	Sala Multiuso	2	30m ²	60m ²	Destinado aos integrantes das internadas	Neufert, 2011
	Biblioteca	1	60m ²	60m ²	Biblioteca para os livros	Neufert, 2011
	Museu	1	60m ²	60m ²	Espaço para os troféus e objetos antigos da entidade	Neufert, 2011

SERVIÇO	Depósito	1	300m ²	300m ²	Depósito para cenário	Neufert, 2011
	Central de gás	1	4m ²	4m ²	Central de gás	Neufert, 2011
	Ar Condicionado		60m ²	60m ²	Espaço destino aos ar condicionado	NBR-6675
	Reservatorio		60m ²	60m ²	espaço destinado às caixas de água	NBR-13714
	Gerador		36m ²	36m ²	espaço destinado ao gerador	Neufert, 2011
ADMINISTRAÇÃO	Secretaria	1	20m ²	20m ²	espaço destinado a patronagem	Neufert, 2011
	Tesouraria/Patrão	1	30m ²	30m ²	espaço destinado ao patrão e ao tesoureiro	Neufert, 2011
	Almoxarifado	1	10m ²	10m ²	espaço destinado a patronagem	Neufert, 2011
	Sala Reunião	1	30m ²	30m ²	sala de reunião para 15 pessoas	Neufert, 2011

Fonte: Autora, 2015

Tabela 3: Resumo quantitativo dos setores

RESUMO QUANTITATIVO DOS SETORES	
CTG	652m ²
APOIO	885m ²
SERVIÇO	456m ²
ADMINISTRAÇÃO	90m ²
SUBTOTAL	2.083m²
Estacionamento 300 vagas	3.750m ²
20% circulação	1.166,60m ²
TOTAL	6.999,60m²

Fonte: Autora, 2015

8 NORMAS TÉCNICAS

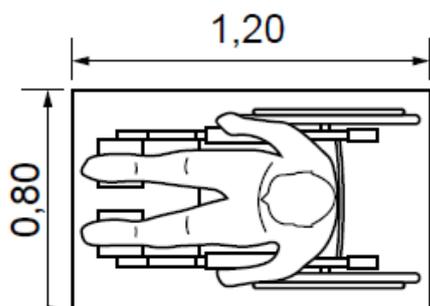
Para a elaboração do projeto para a nova sede do CTG Passo dos Tropeiros serão analisadas as Normas Técnicas Brasileiras que estão relacionadas com o projeto proposto.

8.1 NBR 9050/2015 – ACESSIBILIDADE A EDIFICAÇÕES, MOBILIÁRIO, ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS URBANOS

Foi necessário analisar a NBR 9050, que estabelece as regras e os parâmetros de acessibilidade, segurança e autonomia dos espaços, para atender as exigências de tornar a edificação acessível, já que todos os espaços da edificação precisam ser projetados com acessibilidade para os usuários.

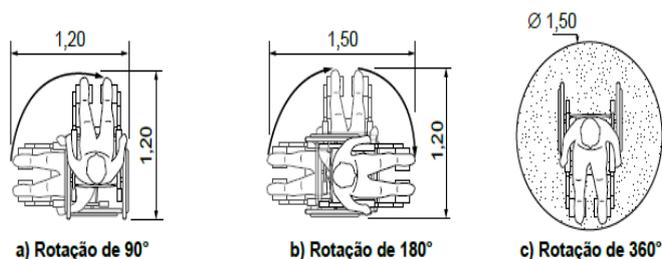
A norma estabelece uma referencia para a projeção da área mínima que um cadeirante irá ocupar, assim, os ambientes terão uma área livre de obstáculos, bem como as entradas e os corredores. Esse módulo de referencia para a projeção de pessoas com cadeira de rodas é de 0,80m por 1,20m no piso e há também as dimensões das manobras sem deslocamento (Figura 80 e 81).

Figura 80: Módulo de referência



Fonte: NBR 9050 (2015)

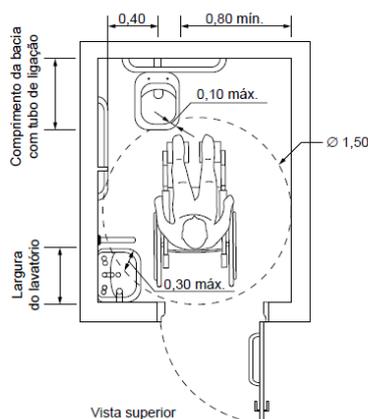
Figura 81: Manobra sem deslocamento



Fonte: NBR 9050 (2015)

A inclinação transversal necessária para os pisos internos é de 2% e para os pisos externos é de até 3%, para isso os pisos devem ter superfície regular, estável e antiderrapante, facilitando o uso das cadeiras de rodas e até dos carrinhos de bebê.

Os ambientes de uso comum, como banheiro e vestiários, devem ter 5% do total de cada peça, com no mínimo um banheiro para cada sexo e cada pavimento. Os sanitários e vestiários devem ter rotas acessíveis, próximas a circulação principal e com entrada independente (Figura 82).

Figura 82: Medidas mínimas de sanitário acessível

Fonte: NBR 9050 (2015)

Para a utilização de rampas, há algumas inclinações estabelecidas pela norma (Figura 83). O cálculo para a inclinação, deve ser calculado pela equação $i = h \times 100 / c$, onde o i = inclinação em porcentagem, h = altura do desnível, c = comprimento horizontal. As inclinações de 6,25% a 8,33% devem possuir patamares a cada 50m de percurso.

Figura 83: Dimensionamento de rampas

Desníveis máximos de cada segmento de rampa h m	Inclinação admissível em cada segmento de rampa i %	Número máximo de segmentos de rampa
1,50	5,00 (1:20)	Sem limite
1,00	$5,00 (1:20) < i \leq 6,25 (1:16)$	Sem limite
0,80	$6,25 (1:16) < i \leq 8,33 (1:12)$	15

Fonte: NBR 9050 (2015)

A cada 100 vagas deverá ser destinada 1 para portadores de necessidades. As vagas de estacionamento para os veículos que são conduzidos ou que conduzam deficientes, devem ter sinalização horizontal, contar com espaço adicional de circulação de no mínimo 1,20 metros de largura. O percurso máximo entre a vaga e o acesso à edificação deve ser de no máximo 50m.

8.2 NBR 9077/2001 – SAÍDAS DE EMERGÊNCIA EM EDIFÍCIOS

Foi necessário analisar a NBR 9077, que estabelece as condições exigidas nas edificações para a sua população abandoná-la em caso de incêndio e permitir o acesso de auxílio externo dos bombeiros para combater o fogo e retirar a população.

Pela norma as edificações são classificadas quanto sua ocupação (Figura 84) e em função da população (Figura 85).

Figura 84: Classificação quanto sua ocupação

Grupo	Ocupação/Uso	Divisão	Descrição	Exemplos
F	Locais de reunião de público	F-3	Centros esportivos	Estádios, ginásios e piscinas cobertas com arquibancadas, arenas em geral
		F-4	Estações e terminais de passageiros	Estações rododiferroviárias, aeroportos, estações de transbordo e outros
		F-5	Locais para produção e apresentação de artes cênicas	Teatros em geral, cinemas, óperas, auditórios de estúdios de rádio e televisão e outros
		F-6	Clubes sociais	Boates e clubes noturnos em geral, salões de baile, restaurantes dançantes, clubes sociais e assemelhados
		F-7	Construções provisórias	Circos e assemelhados
		F-8	Locais para refeições	Restaurantes, lanchonetes, bares, cafés, refeitórios, cantinas e outros

Fonte: NBR 9077 (2001)

Figura 85: Classificação população

Ocupação		População ^(A)	Capacidade da U. de passagem		
Grupo	Divisão		Acessos e descargas	Escadas ^(B) e rampas	Portas
D	-	Uma pessoa por 7,00 m ² de área	100	60	100
E	E-1 a E-4	Uma pessoa por 1,50 m ² de área ^(F)	30	22	30
	E-5, E-6	Uma pessoa por 1,50 m ² de área ^(F)			
F	F-1	Uma pessoa por 3,00 m ² de área	100	75	100
	F-2, F-5, F-8	Uma pessoa por m ² de área ^{(E)(G)}			
	F-3, F-6, F-7	Duas pessoas por m ² de área ^(G) (1:0,5 m ²) ^(C)			
	F-4	† ^(H)			

Fonte: NBR 9077 (2001)

A largura dos acessos, escadas, descargas e outros, é conseguida através da fórmula $N=P/C$, onde o N é o numero de unidades de passagem, o P é a população, o C é a capacidade de unidade de passagem. A largura mínima deve ser 1,10m para as saídas de emergências, que seria duas unidades de 0,55m de passagem.

As portas da saída de emergência devem ser posicionadas para abrir no sentido do fluxo das saídas. O dimensionamento para uma unidade de passagem é de 80cm, para duas unidades é 100, e para três unidades é 150cm.

É preciso saber o número mínimo de saídas e o tipo de escada, para isso é analisado a altura, áreas por pavimento e características construtivas da edificação (Figura 86 e 87).

Figura 86: Classificação das edificações quanto à altura

Código	Tipo de edificação	Denominação	Alturas contadas da soleira de entrada ao piso do último pavimento, não consideradas edículas no ático destinadas a casas de máquinas e terraços descobertos (H)
K	Edificações térreas		Altura contada entre o terreno circundante e o piso da entrada igual ou inferior a 1,00 m
L	Edificações baixas		$H \leq 6,00$ m
M	Edificações de média altura		$6,00 \text{ m} < H \leq 12,00$ m
N	Edificações medianamente altas		$12,00 \text{ m} < H \leq 30,00$ m
O	Edificações altas	0 - 1	$H > 30,00$ m ou
		0 - 2	Edificações dotadas de pavimentos recuados em relação aos pavimentos inferiores, de tal forma que as escadas dos bombeiros não possam atingi-las, ou situadas em locais onde é impossível o acesso de viaturas de bombeiros, desde que sua altura seja $H > 12,00$ m

Fonte: NBR 9077 (2001)

Figura 87: Classificação das edificações quanto à área

Dimensão	P (área de pavimento ≤ 750 m ²)										Q (área de pavimento > 750 m ²)										
	Altura		K		L		M		N		O		K		L		M		N		O
Ocupação	Gr.	Div.	N ^{as}	N ^{as}	Tipo esc.	N ^{as}	N ^{as}	Tipo esc.													
			F	F-1	1	1	NE	1	EP	2	EP	2	PF	2	2	EP	2	EP	2	PF	2
F-2	1	1		NE	1	EP**	2	PF	2	PF	2	2	NE	2	EP	2	PF	2	PF	2	PF
F-3	2	2		NE	2	NE	2	NE	2	PF	2	2	NE	2	EP	2	PF	2	PF	2	PF
F-4	†	†		†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†	†
F-5	2	2		NE	2	EP	2	PF	2	PF	2	2	EP	2	EP	2	PF	3	PF	2	PF
F-6	2	2		EP**	2	EP	2	PF	2	PF	2	2	EP	2	EP	2	PF	2	PF	2	PF
F-7	2	2		NE	2	EP	-	-	-	-	3	3	NE	3	EP	-	-	-	-	-	-
F-8	1	1		NE	2	EP	2	PF	2	PF	2	2	EP	2	EP	2	PF	2	PF	2	PF

Fonte: NBR 9077 (2001)

Após a análise, conclui-se que o projeto proposto irá conter duas escadas enclausuradas, constituídas por materiais incombustíveis e dotadas de corrimãos.

8.3 NBR 10151/2000 – ACÚSTICA – AVALIAÇÃO DO RUÍDO EM ÁREAS HABITADAS, VISANDO O CONFORTO DA COMUNIDADE – PROCEDIMENTO

Para saber o nível máximo de ruído que a entidade poderá gerar para os ambientes externos, vai ser analisada a NBR10151, assim será mantido o conforto acústico para a comunidade no entorno (Figura 88).

Figura 88: Nível de critério de avaliação NCA para ambientes externos, em Db(A)

Tipos de áreas	Diurno	Noturno
Áreas de sítios e fazendas	40	35
Área estritamente residencial urbana ou de hospitais ou de escolas	50	45
Área mista, predominantemente residencial	55	50
Área mista, com vocação comercial e administrativa	60	55
Área mista, com vocação recreacional	65	55
Área predominantemente industrial	70	60

Fonte: NBR 10151 (2000)

8.4 NBR 5626/1998 – DIMENSIONAMENTO DOS RESERVATÓRIOS

A NBR 5626 estabelece que o volume mínimo dos reservatórios deve ser o necessário para um dia de consumo, mais a reserva de incêndio.

A fórmula para o cálculo dos reservatórios é $V_{min}=CD+incêndio$.

A fórmula para o consumo diário é $CD=N \times C$, onde o C é o consumo diário, N a população abastecida, C o consumo por unidade. Para edifício público adota-se consumo diário de 50 litros por pessoa.

$$CD= 1.500 \times 50 = 75.000 \text{ Litros}$$

Para a reserva mínima de combate de incêndio, é acrescido 18.000 litros para a reserva, segundo a tabela de reserva mínima de combate de incêndio por hidrante NBR 13714.

Para o reservatório superior utiliza 40% do volume mínimo e para o reservatório inferior 60%.

8.5 PPCI – PLANO DE PREVENÇÃO E PROTEÇÃO CONTRA INCÊNDIO

Através da Lei Complementar nº 14.555/14 foi incluído os Centros de Tradições Gaúchas como parte do grupo F, local de Reunião de público, e na divisão grupo F-11, é edificação de caráter regional (Figura 89). As edificações também são classificadas conforme à altura (Figura 90) e pela área (Figura 91).

Figura 89: Classificação das edificações e áreas de risco quando à ocupação

F-11	Edificações de Caráter Regional (Incluído pela Lei Complementar n.º 14.555/14)	Centros de Tradições Gaúchas – CTG's (Incluído pela Lei Complementar n.º 14.555/14)
------	--	---

Fonte: 14.690 (2015)

Figura 90: Classificação das edificações quanto à altura

Tipo	Altura
I	Térrea
II	$H \leq 6,00$ m
III	$6,00 \text{ m} < H \leq 12,00$ m
IV	$12,00 \text{ m} < H < 23,00$ m
V	$23,00 \text{ m} < H \leq 30,00$ m
VI	Acima de 30,00 m

Fonte: Lei Complementar nº14.690 (2015)

Figura 91: Edificações das divisões F-11 com área superior a 750m²

Divisão	F-11					
	Classificação quanto à altura (em metros)					
Medidas de Segurança contra Incêndio	Térrea	$H \leq 6$	$6 < H \leq 12$	$12 < H \leq 23$	$23 < H \leq 30$	Acima de 30
Acesso de Viatura na Edificação	X	X	X	X	X	X
Segurança Estrutural em Situação de Incêndio	-	X ¹	X	X	X	X
Compartimentação Horizontal	X ²⁻³	X ²⁻³	X ²⁻³	-	-	-
Compartimentação Vertical	-	X ²⁻³	X ²⁻³	-	-	-
Controle de Materiais de Acabamento e Revestimento	X ⁴	X	X	X	X	X
Saídas de Emergência	X	X	X	X	X	X
Plano de Emergência	X ⁵	X ⁵	X ⁵	X	X	X
Brigada de Incêndio	X	X	X	X	X	X
Iluminação de Emergência	X	X	X	X	X	X
Deteção de Incêndio	-	-	X ⁶	X ⁶	X ⁶	X ⁶
Alarme de Incêndio	X	X	X	X	X	X
Sinalização de Emergência	X	X	X	X	X	X
Extintores de Incêndio	X	X	X	X	X	X
Hidrante e Mangotinhos	X	X	X	X	X	X
Chuveiros Automáticos	-	-	-	X	X	X
Controle de Fumaça	X	X	X	X	X	X

Fonte: 14.690 (2015)

Analisando a Figura 91, a altura do prédio será entre 6m a 12m de altura, e irá precisar que as viaturas tenham acesso à edificação, precisará de segurança estrutural em situação de incêndio, compartimentação horizontal, como paredes e portas corta-fogo, compartimentação vertical, como entrepisos ou lajes corta-fogo de compartimentação de áreas, alarme de incêndio, brigada de incêndio.

9 MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

Os materiais e técnicas construtivas que irão ser utilizados na nova sede para o CTG Passo dos Tropeiros, serão mostrados a seguir. A decisão por esses materiais foi a fim de garantir qualidade estrutural, térmica e acústica.

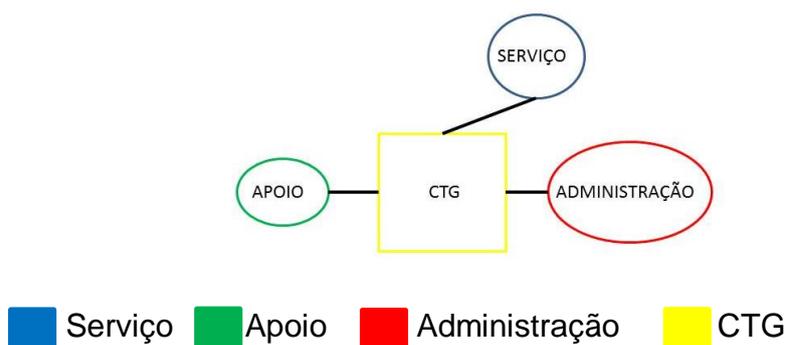
9.1 INTENÇÕES DE PROJETO

A proposta da Nova sede do CTG Passo dos Tropeiros para a cidade de Rolante tem por objetivo cultivar a cultura gaúcha e proporcionar um CTG de qualidade para a população, não só de Rolante, mas sim, das regiões ao seu entorno.

O projeto do CTG será referencia para os demais no estado, mostrando uma arquitetura funcional e de boa qualidade. Para isso precisa ser um projeto com dimensionamento adequado dos ambientes, inovação, que motive a sociedade a participar da entidade.

Foi realizado um fluxograma (Imagem 92) com os setores do CTG, onde no centro dele se encontra o CTG, com ligação aos demais, o serviço, a administração e ao apoio. Os setores foram divididos conforme o programa de necessidades, ficando mais próximo, do que irá se tornar seu dependente.

Figura 92: Fluxograma Inicial



Fonte: Autora, 2015

O segundo fluxograma (Figura 93) realizado, os ambientes foram distribuídos dentro dos seus setores, conforme as suas ligações e suas dependências, tendo como centro o tablado, que conectará toda a entidade, servindo como base para o projeto.

Figura 93: Fluxograma



Fonte: Autora, 2015

Algumas decisões já foram tomadas, a biblioteca, o museu, as oficinas, as salas multiusos, os produtos coloniais, o local das mesas e o restaurante terão acesso independente do CTG, podendo ser usado em outros eventos e durante o dia, sem que o CTG esteja aberto.

Os serviços terão ligação com a cozinha, ate para facilitar no acesso de carros de serviço. Os vestiários e os dormitórios também terão ligação com a cozinha, já que estes setores serão somente de acesso das internadas e da patronagem.

O depósito de cenários terá ligação com o tablado e também com os vestiários, já que é nos vestiários que os integrantes das internadas estarão se arrumando antes das apresentações, facilitando a locomoção dos cenários para o tablado.

As salas da secretária, tesouraria, almoxarifado e do patrão, será permitido acesso somente de pessoas autorizadas ou da patronagem. O seu acesso poderá ser independente do CTG.

9.2 ESTRUTURA EM AÇO

Como há necessidade de vencer grandes vãos, formando grandes espaços livres, como o espaço destinado para o tablado, assim foi optado por usar este sistema construtivo para a estrutura, o aço, principalmente na cobertura (Figura 94). (Portal Metálica, 2015).

Figura 94: Exemplo de cobertura de aço



Fonte: Archdaily

O aço é a melhor escolha, por suas vantagens, como prazos curtos, confecção de trabalhos em paralelos, durabilidade, maior área útil, distância entre vãos, compatibilidade com outros materiais, flexibilidade para ampliações e reformas (Portal Metálica, 2015).

Um fato importante da estrutura de aço, é preciso definir os elementos que compõem a estrutura, como vigas, pilares e contraventamentos (Portal Metálica, 2015).

O aço esta sendo muito utilizado em obras como edifícios de escritórios e apartamentos, residências, habitações populares, pontes, passarelas, postos de gasolina, aeroportos, ginásios esportivos (Figura 95), etc(Portal Metálica, 2015).

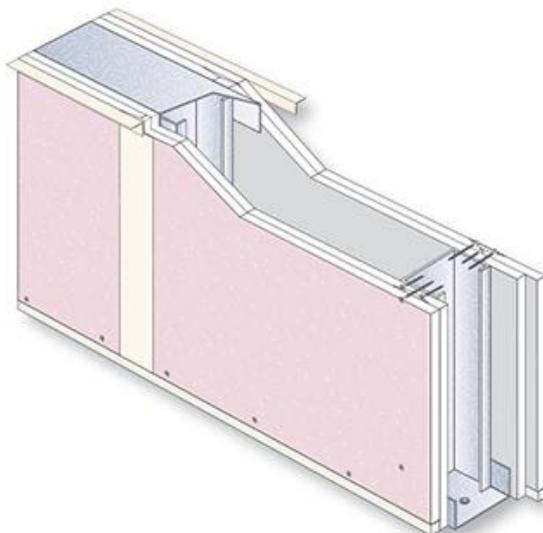
Figura 95: Ginásio Esportivo



Fonte: Archdaily

9.3 PAREDE CORTA FOGO

Através do PPCI, foi analisado que será preciso compartimentação horizontal, paredes e portas corta fogo, para isso será utilizado parede composta por perfis guias e montantes em aço galvanizado, com duas camadas de chapas Gypsum RF (Figura 96), resistentes ao fogo (Gypsum Drywall, 2015).

Figura 96: Montagem parede corta fogo

Fonte: Gypsum Drywall (2015)

Essas chapas tem resistência ao fogo de 60 a 120 min e isolamento acústico de 42 a 56dB, pé direito de 2,90 a 5,60m. Espessura de 98 a 150mm (Figura 95) (Gypsum Drywall, 2015).

Figura 97: Dados das placas

SISTEMA	PERFIL	ESPESSURA DA PAREDE (mm)	PAGINAÇÃO DOS MONTANTES (mm)	ALTURA LIMITE DOS MONTANTES (m)		QUANT. DE CHAPAS (un.) / ESPESSURA (mm)	PESO (Kg/m ²)	RESISTÊNCIA AO FOGO (CF) C/ RF	ÍNDICE DE ISOLAMENTO ACÚSTICO (dB)	
				SIMPLES	DUPLS				S/LA	C/LA
PAREDE CORTA FOGO	M48	98	600	2,90	3,50	04 / BR 12,5	40	90	42 / 44	49 / 50
			400	3,20	3,80					
		108	600	3,00	3,60	04 / BR 15	60	120	43 / 45	50 / 51
			400	3,30	3,50					
	M70	120	600	3,70	4,40	04 / BR 12,5	40	90	44 / 46	50 / 52
			400	4,10	4,80					
		130	600	3,80	4,50	04 / BR 15	60	120	45 / 47	51 / 53
			400	4,20	4,90					
	M90	140	600	4,20	5,00	04 / BR 12,5	40	90	45 / 47	53 / 55
			400	4,60	5,50					
		150	600	4,30	5,10	04 / BR 15	60	120	46 / 48	54 / 56
			400	4,70	5,60					

Fonte: Gypsum Drywall (2015)

10 CONCLUSÃO

A intenção desta pesquisa foi conhecer melhor a cultura gaúcha. Informações como o tema, a localização da área de intervenção, estudo de caso, pesquisa de projetos referenciais e análogos, irão servir como base para a realização da disciplina do Trabalho Final de Graduação.

Através dos estudos feitos nesta pesquisa foi possível perceber como a tradição gaúcha tem história, como cada parte da cultura foi descoberta e como ela é importante para nós gaúchos, ficando evidente que é preciso centros de tradições, que há gaúchos levando está tradição para fora do estado do Rio Grande do Sul e para o exterior.

A pesquisa teve a intenção de observar, conhecer e analisar as necessidades e especificações que um centro de tradições gaúchas precisará, como os setores e os apoios para a realização do projeto arquitetônico. Com o estudo bibliográfico, estudo de caso, referencias análogas e até as formais, foi possível pensar em um programa de necessidades e as intenções do projeto que será desenvolvido.

A importância da cultura gaúcha e de uma nova sede do CTG para a cidade de Rolante, estimulando a cultura e criando um local diferenciado de convívio para a população de Rolante e a população da Região.

REFERÊNCIA

3C Arquitetura e Urbanismo. **Parque do Gaúcho**. Disponível em: <http://www.3c.arq.br/005_pdg/>. Acesso em: 1º set. 2015.

APIACAS ARQUITETOS. **Projeto Paraty**. Disponível em: <<http://apiacasarquitetos.com.br/projetos/ver/111>>. Acesso em: 28 set 2015.

ARCHDAILY, Brasil. **Academia Pulse Health and Fitness**. 31 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/759724/academia-pulse-health-and-fitness-roccovidal-perkins-plus-will>>. Acesso em: 11 nov. 2015.a.

ARCHDAILY, Brasil. **Escola de Administração de Yale**. 04 mar. 2014. Disponível em: < http://www.archdaily.com.br/br/01-180020/escola-de-administracao-de-yale-slash-foster-plus-partners?ad_medium=widget&ad_name=category-university-article-show>. Acesso em: 11 nov. 2015.b.

ARCHDAILY, Brasil. **Estadio Willmote Allianz Rivera em Nice**. 19 out. 2013. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-147247/estadio-willmote-allianz-rivera-em-nice-slash-wilmotte-and-associes-sa>>. Acesso em: 11 nov. 2015.c.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 9050**: acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

_____. **NBR 10151**: avaliação de ruídos em áreas habitadas visando o conforto da comunidade. Rio de Janeiro: ABNT, 2000.

_____. **NBR 9077**: saídas de emergências em edifícios. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

_____. **NBR 5626**: dimensionamento dos reservatórios. Rio de Janeiro: ABNT, 1998.

BERKAI, Dorival; BRAGA, Clóvis Aírton. **500 Anos de história da erva-mate.** Canoas, 2000.

CORTES, J. C. Paixão. **Origem da semana farroupilha primórdio movimentos tradicionalistas.** Porto Alegre, 1994.

CTG Porteira do Rio Grande. Disponível em: <<http://ctgporteiradoriogrande.com.br/2013/09/>>. Acesso em 28 out. 2015.

ESTUDIO 41. **Projeto de Cabo Frio.** Disponível em: <<http://www.estudio41.com.br/projeto/centro-cultural-de-eventos-e-exposicoes-de-cabo-frio-rj/>>. Acesso em: 27 set 2015.

FISCHER, Luis Augusto; WOLF, Eduardo. **Caderno Cultural.** Disponível em: <http://www.paginadogaicho.com.br/pers/paixao-01.htm>. Acesso em: 28 ago. 2015.

GYPSUM, Drywall. Disponível em: <<http://www.gypsum.com.br/web/pt/distribuidores/sistemas-parede-corta-fogo.htm>>. Acesso em: 06 de nov. 2015.

HAGG, Ricardo Glademir. **CTG Passo dos Tropeiros 33 anos de historia.** Rolante, 2015.

IDENTIDADE CULTURA GAÚCHA. **Produzindo Significados Gauchescos.** Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao,_Historia_e_Filosofia/Trabalho/11_54_22_t534.pdf. Acesso em: 9 set. 2015.

JONAS SCHIAFFINO. **Galpão S.C. Internacional.** Disponível em: <<http://jonasschiaffino.com.br/inter.html>>. Acesso em: 23 set. 2015.

KERCHER, Jair Marinho. **Mundo Gaúcho**. Disponível em: <<http://mundogaicho.blogspot.com.br/2008/03/crianas-disputam-prova-de-vaca-parada.html>>. Acesso em: 28 out. 2015.

LESSA, Barbosa; CORTES, J. C. Paixão. **Danças e Andanças da Tradição Gaúcha**. Porto Alegre, 1975.

MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho. **Chimarrão**. Disponível em : <<http://www.mtg.org.br/folclore/310>>. Acesso em: 22 ago. 2015. a.

MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho. **Coletânea da Legislação tradicionalista 2003**. Porto Alegre, 2003.b.

MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho. **O grupo dos 8**. Disponível em: <<http://www.mtg.org.br/historico/222>>. Acesso em: 18 ago. 2015.c.

MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho. **História do MTG**. Disponível em: <<http://www.mtg.org.br/historico/218>>. Acesso em: 14 ago. 2015.d.

MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho. **O que é MTG?**. Disponível em: <<http://www.mtg.org.br/historico/210>>. Acesso em: 21 ago. 2015.e.

MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho. **Regulamento Artístico 2015**. Disponível em: <<http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/REGULAMENTO%20ARTISTICO%20-%202015.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2015.f.

MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho. **Regulamento Campeiro 2015**. Disponível em: <[http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/REGULAMENTO%20CAMPEIRO%20-%202015\(2\).pdf](http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/REGULAMENTO%20CAMPEIRO%20-%202015(2).pdf)>. Acesso em: 16 set. 2015.g.

MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho. **Regulamento de Esportes Tradicionalistas 2014**. Disponível em:

<http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/REGULAMENTOS/1_4_REGULAMENTO_ESPORTE.pdf>. Acesso em: 22 out. 2015.h.

MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho. **Regulamento Geral**. Disponível em <<http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/02%20REGULAMENTO%20GERAL%20-%202015-1.pdf>> Acesso em: 18 set. 2015.i.

PARQUE TEMATICO DA CULTURA GAÚCHA. Disponível em: <<http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=2312>>. Acesso em: 22 set. 2015.

PORTAL AMIGOS DA TRADIÇÃO. **Costume - Churrasco**. Disponível em: <<http://www.portalgaucho.com.br/?pg=1&act=2>>. Acesso em: 25 ago. 2015

PORTAL AMIGOS DA TRADIÇÃO. **Cronologia Histórica**. Disponível em: <<http://www.portalgaucho.com.br/?pg=1&act=16>> Acesso em: 22 ago. 2015.

PORTAL AMIGOS DA TRADIÇÃO. **Estrutura do CTG**. Disponível em: <www.portalgaucho.com.br/?pg=1&act=17>. Acesso em: 18 set. 2015.

PORTAL METÁLICA, Construção Civil. **Construções Metálicas: O uso do Aço na Construção Civil**. Disponível em:< <http://wwwo.metallica.com.br/construcoes-metalicas-o-uso-do-aco-na-construcao-civil>>. Acesso em: 22 out. 2015.

Rio Grande do Sul. Lei Complementar nº 14.555 de 02 de Julho de 2014. **Estado da Assembleia do Rio Grande do Sul**. Disponível em < http://siteantigo.famurs.com.br/moodleinterno/pluginfile.php/848/mod_resource/content/1/Lei%20Complementar%20n%C2%BA%2014.555%20-%20altera%20Lei%2014376.pdf>. Acesso em: 07 de nov. 2015.

_____.Lei Complementar nº 14.690 de 16 de Março de 2015. **Estado da Assembleia do Rio Grande do Sul**. Disponível em <

<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/14.690.pdf> >. Acesso em: 07 de nov. 2015.

_____.Lei Complementar nº 14.276 de 26 de Dezembro de 2015. **Estado da Assembleia do Rio Grande do Sul.** Disponível em <<http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lec%20n%C2%BA%2014.376.pdf>>. Acesso em: 07 de nov. 2015.

RIOZINHO. Lei Municipal nº 1.296 de 30 de dezembro de 2014. **Institui o Código de Edificações.** Disponível em: <<http://www.cespro.com.br/visualizarDiploma.php?cdMunicipio=7826&cdDiploma=1296&NroLei=1.296&Word=codigo%20edifica%C3%A7%C3%B5es&Word2=>>> Acesso em: 07 Nov. 2015.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. Disponível em: <<http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=1&setor=279&secao=288>>. Acesso em: 23 set. 2015.

Taquaria, Haras. **Fazenda Haras Taquaria.** Disponível em: <<http://www.harastaquari.com.br/noticias/nota276.htm>>. Acesso em: 28 out. 2015

TIN, Flavio. **Prova de Laço.** Disponível em: <<https://flaviotin.wordpress.com/tag/prova-de-laco/>>. Acesso em: 28 out. 2015.

ZATERRA, Véra Stedile. **Gaúcho vestuário tradicional e costumes.** Porto Alegre, 1995.

APÊNDICES

APÊNDICE A – MODELO DE ENTREVISTA REALIZADO COM A COMUNIDADE DE ROLANTE.

1 – Você frequenta o CTG de Rolante? Não, porquê? Se sim, que atividades você realizou lá?

2 – O que faria você frequentar mais o local?

APÊNDICE B – MODELO DE ENTREVISTA REALIZADO COM PESSOAS QUE PARTICIPAM DO CTG.

1 – Qual o seu papel no grupo?

2 – Sexo?

3 – Idade?

4 – Tempo no grupo?

5 – Quais as cinco coisas que você mais gosta no CTG?

6 – Quais as cinco coisas que você menos gosta no CTG?

7 – O que você acha do local atual do CTG? Justifique.

8 – O que você acha do prédio do CTG? Justifique

9 – Tem sugestões de melhorias no CTG?

10 – Nome?